

E. 38

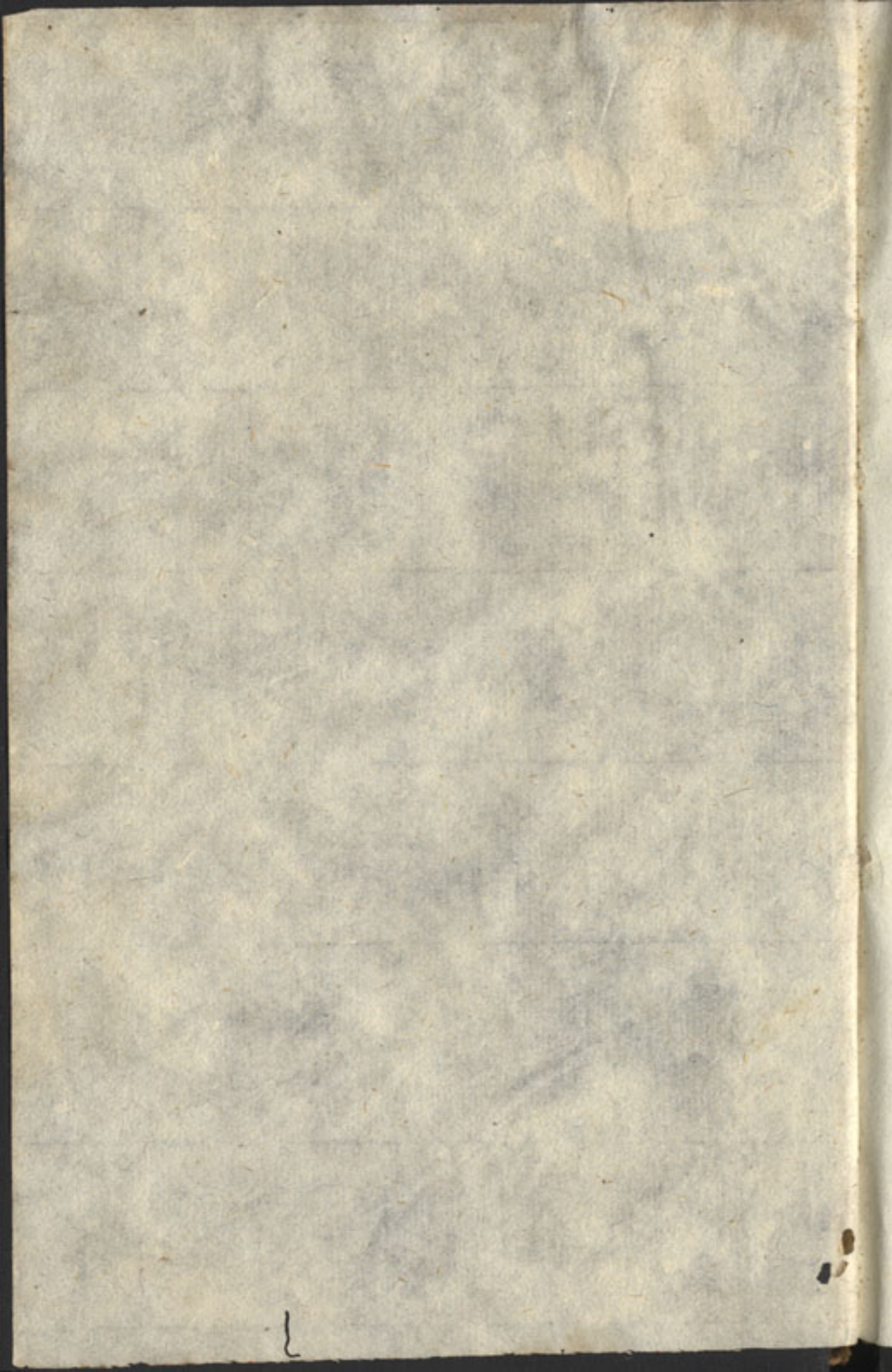
T. 3

N.º 23

1750

1750

JOANNINA  
ou  
A LIBERDADE  
DE PORTUGAL  
POEMA HEROICO



JOANNEIDA,  
OU  
A LIBERDADE  
DE PORTUGAL  
POEMA EPICO.

JOANNNEIDA,  
OU  
A LIBERDADE

DE PORTUGAL

DEFENDIDA

PELO

SENHOR REY D. JOÃO I.

POEMA EPICO

ORRACIDO

AO SERENISSIMO SENHOR

D. JOZÉ

PRINCIPLE DO BRAZIL

POR

JOZÉ CORREA

DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO

MOÇO FIDALGO DA CASA DE SUA MA.

ESTADO FIDELISSIMO



COIMBRA:

Na Real Officina da Universidade

Anno de M. DCC. LXXXII.

Com licença da Real Mesa Censura

*Sta Cruz de Coimbra*

**JOANNEIDA,**  
OU  
**A LIBERDADE**  
DE PORTUGAL  
DEFENDIDA  
PELO  
SENHOR REY D. JOAÕ I.  
**POEMA EPICO**  
OFFERECIDO  
AO SERENISSIMO SENHOR,  
**D. JOZÉ**  
PRINCIPE DO BRAZIL  
POR  
**JOZÉ CORREIA**  
DE MELLO, E BRITTO D'ALVIM PINTO  
MOÇO FIDALGO DA CAZA DE SUA MA-  
GESTADE FIDELISSIMA.



**COIMBRA:**  
Na Real Officina da Universidade,  
Anno de M. DCC. LXXXII.

*Com licença da Real Meza Censoria.*






## DEDICATORIA.

SERENISSIMO

SENHOR

 *E eu tenbo a honra de  
illustrar a frente do meu Poema  
com o respeitavel nome de V. A.,  
naõ*

naõ he sòmente a impulsos da mi-  
nha vaidosa gloria; mas tambem  
a beneficio da generosa benigni-  
dade de V. A. Eu o faço porque  
V. A. se dignou de o permittir  
assim; mas nem V. A. deveria  
escuzar-se de conceder-me esta  
graça, nem eu poderia impedir-  
me de pertendella, sendo o as-  
sumpto da minha Epopéa a Li-  
berdade de Portugal, e o Heróe  
della o Senbor Rey D. João I.  
gloriosissimo Progenitor de V. A.

A clara fama deste grande De-  
fensor da Patria interessa muito  
particularmente a V. A., pois que  
da immortalidade della procede  
buma

huma grande parte do magestoso esplendor, que adorna a Real Pessoa de V. A., e que V. A. deve recolher o fructo principal dos illustres trabalhos daquelle Augusto Principe, que se propoz por fim da sua grande, e admiravel acção, a conservação da Corôa, e a independencia do Trono Portuguez; qualidade, sem a qual, este não seria já mais digno de receber em si a V. A.; e eu, que tive a ousadia de cantar esta grande acção, seria indigno atbé de intentar a empreza, se tivesse tão baixo espirito, que podesse escolher, para authorizalla, algum

algum Mecenas, em quem não circulasse o mesmo sangue do meu Heróe.

A paixão pelas virtudes heroicas, e o zelo da gloria nacional forão quem unicamente me animáraõ a este empenho; e os sentimentos, que partem destes principios, não se desmentem já mais com huma lizonja vil, ou hum sacrificio indecente. Eu offereço a V. A. o que lhe pertence, e que só pode pertencer particularmente a V. A., que são as glorias da sua propria Caza: se ellas perdem alguma cousa em serem cantadas por mim, he só por falta  
de

*de talentos , e não de desejos.*

*Eu os tive sempre de servir aos meus Soberanos , e á minha Patria ; e se os fructos não corresponderão ás diligencias , seria falta de fortuna , ou talvez culpa da minha inutilidade ; mas ainda convencido desta , eu pertendo mostrar a fidelidade do meu zelo neste pequeno tributo , que rendo á Patria, e dedico a V. A.; de quem (segundo o estylo das dedicatorias ) eu devêra agora referir as excelsas virtudes ; mas deixo de o fazer pelo receyo de não poder accommodar tão grande assumpto em tão pequena obra,*

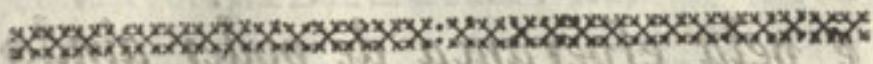
*e*

X DEDICATORIA.

e pela esperança de poder ainda  
hum dia cantallas mais digna-  
mente. Em tanto guarde Deos  
a Real Pessoa de V. A. por mui-  
tos, e felicissimos annos. Coim-  
bra 30 de Julho de 1781.

O meu intento he somente dar huma  
satisfação ao publico de me haver occupado  
em fazer versos. Tal he a farsidade dos tem-  
pos, que he preciso desculpá-los em hum  
aquellas mesmas accoes, que em outro  
teriam para adquirir muita gloria.  
O nome de Poeta, que he immortal a  
fama dos Homeros, e dos Virgilio, faz ho-  
je vergonha a engenhos de bem interior or-  
dem. Cotovam-se alguns dias os Petrarcas  
no Capitulo; falta hoje pouco para serem  
apudados nas tuas os que se applicam á  
Poetia.

Jozé Correa de Mello e Brito d'Alvim Pinto.  
que tem cabido em detrecho, ou se he ca-  
figo



## ADVERTENCIA.

**E**U não pretendo escrever hum Prologo para desculpar os defeitos do meu Poema, e menos ainda para fazer ostentação das regras, e dos exemplos, que segui na composição delle: os doutos sabem bellamente estes exemplos, e estas regras, e pela lição do Poema he, que haõ de julgar se eu os observei, ou não; e os que os ignoraõ, não entenderiaõ o que lhes dissesse sobre o uso delles.

O meu intento he sómente dar huma satisfação ao publico de me haver occupado em fazer versos. Tal he a fatalidade dos tempos, que he preciso desculpar em hum, aquellas mesmas acçoens, que em outro serviraõ para adquirir muita gloria.

O nome de Poeta, que fez immortal a fama dos Homeros, e dos Virgílios, faz hoje vergonha a engenhos de bem inferior ordem. Coroavam-se algum dia os Petrarcas no Capitolio; falta hoje pouco para serem apedrejados nas ruas os que se applicaõ á Poesia.

Naõ sei se he desgraça da mesma arte, que tem cahido em descredito, ou se he castigo

xii **ADVERTENCIA.** O stigo do abulo, que della fazem alguns dos seus Professores. He certo, que muitos se fervem della para fins insignificantes, e talvez nocivos; mas isto prova somente a corrupção dos homens.

O ladrao, e o Viajante se costumão servir das mesmas armas; mas este leva nellas o seu socorro, e aquelle os instrumentos para os seus insultos. O succo da mesma flor, que faz o mel tirado pela abelha, he veneno extrahido pela aranha.

Assim os dons das Musas, que opódem ser inuteis, e talvez perniciosos, dispensados a genios leves, e coraçoes corrompidos, que se aproveitem delles para lisonjear a ociosidade, ou para adular o vicio, seraõ sempre interessantes, e proveitosos cada vez, que se unirem a hum espirito solido, e hum coração honrado, que os applique ao seu verdadeiro destino, que he celebrar a virtude, immortalisar as acçoens illustres, ministrar exemplos aos Principes, e documentos aos Póvos.

Os sabios conhecem perfeitamente esta differença entre Poetas, e Versejadores; mas os sabios são o numero menor dos homens, e o resto delles presiste em considerar indistinctamente a Poesia, como huma

occu-



ADVERTENCIA. xiii

occupação frívola; e estes me condemnarão por hayer-me entretido com ella, esperando talvez outra mais séria das obrigações do meu nascimento, e dos principios da minha educação.

Eu lhe confesso ingenuamente que eu pensei muito tempo d'elle mesmo modo, e que a pesar da particular paixão, que sempre me devêraõ as Musas, eu não imaginava dever sacrificar-lhe hum cuidado serio; mas o destino dos homens não pende das suas intenções. Logo depois de concluidos os meus estudos de Humanidades, e Filosofias, e de seis annos de Universidade de Coimbra, que seguia só pelo desejo de instruir-me, eu me destinei à vida militar, a que me incitava a minha inclinação, os exemplos da minha familia, e os conselhos de alguns amigos, que havendo seguido comigo as aulas, vas deixátaõ naquelle mesmo tempo para servir na tropa; mas eu fui logo dissuadido deste estado de vida pelas idéas, que a meu respeito teve hum grande Ministro da nossa Corte casado com huma Senhora minha parenta, o qual me fez entrar em outros projectos, que se desvaneceirão depois de algum tempo, assim como

mo outras esperanças, que não parecião entãõ mal fundadas.

A minha primeira vocação para o serviço militar durava toda via; e sabendo que deviaõ formar-se algumas Companhias de Cavallaria para servir no Algarve, apromptadas á custa dos proprios Capitaens, me offereci dos primeiros, e nem assim fui despachado, promettendo-se-me com tudo outra Companhia para huma das Provincias do Norte deste Reyno, graça porque cheguei a beijar a mão ao Senhor Rey D. Jozé, que Deos haja, e que da mesma sorte não teve effeito, assim como tambem o não teve outro offerecimento, que fiz a S. Magestade pelo mesmo apontado Ministro de ir servir em qualidade de voluntario na guerra, que naquelle tempo ardia na Alemanha, e para que nada mais pedia, que huma carta de recommendação de S. Magestade.

Em fim no movimento da guerra de 1761, e trabalhei por ser empregado, e me offereci a fornecer duas Companhias de Cavallaria, huma para mim, e outra para meu Irmaõ, que servia Cadete, e nem entãõ fui attendido, sendo obrigado a ceder da Companhia, com que pertendia servir, para que se verificasse a de meu Irmaõ.

Reti-

## ADVERTENCIA.

xv

Retirei-me a huma quinta, não sei se cançado, se desgostoso de pertençaens; mas o meu genio inimigo do ocio, pedia alguma occupação para as muitas horas, que me sobejavao naquella especie de solidão. Os livros me offerrecião a mais prompta, e a mais agradável, supposto o habito de ler, em que me achava delde os mais tenros annos; mas eu queria somente ler para entreter-me. Li de novo os Poetas, que já tinha lido, e li todos os de que tive alguma noticia.

A doçura das Musas me interessou outra vez no seu culto, que nunca tinha de todo abandonado, e eu não podia impedir-me de fazer alguns versos; mas desejei, que o assumpto delles podesse ser serio.

Procurei na historia de Portugal huma acção digna da Epopèa, e tal me pareceo a do Senhor Rey D. João I. Trabalhei por canta-la, e quiz o meu zelo tirar da minha mesma ociosidade algum fructo, de que podesse offerrecer hum pequeno tributo á fama da minha Patria. Conheço, que vale pouco o que lhe dou; mas talvez vale menos ainda o que ella me tem dado, senão metermos em conta o premio dos trabalhos dos meus antepassados.

De qualquer sorte eu me lisonjearei  
sem-

fempre muito de a servir, e terei huma grande satisfação se o meu tal, qual trabalho merecer o agrado dos meus Compatriotas, desenganados de que não foi culpa minha, o que pôde parecer-lhes ociosidade.

JOAN-

ADVERTENCIA

---

JOANNEIDA,  
OU  
A LIBERDADE:  
CANTO I.

ARGUMENTO.



*PROPOEM-SE* cantar a Liberdade de Portugal, e a gloriosa acção do Senhor Rey Dom João I. Invoca-se a protecção da Mãe de Deos, e se implora a benignidade do Augustissimo Principe do Brazil. Expoem-se o estado em que se via o reyno pelo falecimento do Senhor Rey D. Fernando; duvidas sobre a  
A sus

sucessão; scisma do governo; desordens do povo, e insolencias de Castella. Da-se conta do cerco de Lisboa, achando-se o Heróe dentro da cidade: acçoens valorozas do mesmo Heróe, e de outros cavalleiros. Entra no Tejo a armada Castelhana; accrescenta-se o risco, e afflicção dos sitiados; affusta-se o povo, e toda a cidade teme as consequencias de hum bloqueio completo por mar, e por terra. O Heróe anima a todos, e chama os principaes dos sitiados a conselho; mas nada se resolve. Em tanto no celeste congresso, o Genio tutelar de Portugal implora a misericordia do supremo Deos, que benignamente o attende, lhe segura as felicidades dos Portuguezes, lhe declara os futuros successos, e lhe ordena, que desca á terra, que anime o Heróe, e lhe vaticine algumas das glorias dos que devem ser seus descendentes; mas tudo debaixo de tal disfarce, que não seja conhecido o nuncio celeste, e que o seu vaticinio possa merecer huma confiança pia; mas não huma certeza infallivel, que tiraria o merecimento ao valor do Heróe. Disfarça-se o Genio na figura de Fr. João das Barrocas Ermitão conhecido, e respeitado pela sua virtude. Descreve-se o Ermitão; retira-se com elle o Heróe particularmente, e lhe pede roque a / eos  
pelo

pelo reyno, no grave perigo, em que se acha. O disfarçado Genio lhe inspira huma grande confiança, lembrando lhe as promessas de Deos feitas ao primeiro Rey de Portugal, lhe dá esperanças do bom successo daquella empreza, e de vir elle mesmo a ser Rey com feliz descendencia, que lhe declara, fallando em profecia de todos os Reys de Portugal, depois do Heróe até o Senhor Rey D. Jozé I. Animado o Heróe com este vaticinio se despede do Genio, acode á muralha, donde vê vir fugindo alguns dos seus obrigados da multidão dos Castelhanos. Sabe a soccorre-los, executa varias acçoens valorosas, restabelece o valor na sua gente, e prosegue a defender a cidade com maior constancia.



A LIBERDADE

CANTO I

**E** U meigo que ligas tempo a doce luz  
Ajustava de amor as travessuras  
Atravessas sempre a quem se abria  
Nos braços da beleza as legiças  
Agora que a terra menos delira  
Troca a face serena a voz fúria  
As armas canta e canto a liberdade  
De Portugal por mais exaltada

Do





# A LIBERDADE

## CANTO I.

L.

**E** U mesmo, que algum tempo, a doce lyra  
 Ajustava de amor ás travessuras,  
 Agradavel emprego, a quem suspira  
 Nas prizoens da belleza mal seguras;  
 Agora, que a razaõ menos delira,  
 Trocada a fraze terna, a vozes duras,  
 As armas canto, canto a Liberdade  
 De Portugal, por maõ da heroicidade.

Do

## II.

Do constante Varaõ , que á Lusa terra,  
 Deu a maõ liberal do Ceo clemente  
 Para seu Defensor na dura guerra ,  
 Para Pay , no cuidado providente ;  
 O caso canto , se he que o peito encerra ,  
 Nos impulsos do genio impaciente ,  
 Taõ grande força , taõ brilhante alento ,  
 Que se atreva a cumprir taõ alto intento.

## III.

Sacrosanta Maria , Virgem pura ,  
 Cofre da graça , fonte da sciencia ,  
 Em cujas perfeicoens , na summa altura ,  
 Parece se empenhou a Omnipotencia ;  
 Vós Senhora , de quem a mais segura  
 Protecçaõ goza a Lusa independencia ,  
 Dai com vosso favor ao meu engenho  
 Auxilio , para taõ sublime empenho.

## IV.

Vós me inspirai as causas soberanas  
 De taõ grandes successos , taõ famosos ,  
 Comque o valor das armas Lusitanas  
 Logrou da liberdade os fins ditosos :  
 Declarai-me os motivos das tiranas  
 Revoluçoens , dos odios furiosos ;  
 E fazei , que nas vozes do meu plectro ,  
 Se eternize a virtude em doce metro.

## V.

E vós, Príncipe Augusto, em quem confia  
O seu mais firme amparo a Lusã gloria,  
Com quem nossa fé pura hoje alivia  
Dos passados Monarcas a memoria:  
Vós, de quem Portugal espera hum dia,  
Nome mais claro, fama mais notoria,  
Dignai-vos de me ouvir benigno, em quanto  
Não dais materia a mais sublimte canto.

## VI.

Gemia Portugal em desventura,  
Sem governo, e sem Rey: Morto Fernando  
Não deixára no reyno a forte dura  
Successor verdadeiro ao regio mando:  
O zelo, a ambição, odio, e ternura  
Se andavaõ mutuamente embaraçando,  
E entre as vozes da honra, e da cobiça  
Se perdia igualmente a da justiça.

## VII.

Cada qual ser juiz da regia herança  
Presumia atrevido, e sem respeito,  
E frustrada das leys a segurança,  
A propria inclinação era o direito:  
Huns move do interesse a vil lembrança,  
Outros do patrio amor o doce effeito,  
E na triste disputa, o povo insano  
Formava a confusão, o horror, o damno.

A vin-

## VIII.

A vingança , a cobiça , o defacato  
 Discorriaõ sem freio livremente ;  
 Igualmente sentia o fero trato  
 A vida do culpado , e do innocente :  
 Tudo devasta o horrído aparato  
 Da furia nacional indignamente ;  
 O sacerdote , as virgens , os altares  
 Nada escapa das iras populares.

## IX.

Por outra parte as armas Castelhanas  
 Na raiva ardente da vingança accesas  
 Abrazaõ todo o reyno em deshumanas  
 Impiedades , insultos , e cruezas ,  
 Tiram-se as vidas com acçoens tiranas ;  
 Sacrificam-se as honras ás torpezas ,  
 E athé os simulacros mais sagrados  
 Saõ com desprezo infame injuriados.

## X.

Crescia a confusaõ , crescia o susto  
 No scisma do governo desgraçado ;  
 Aquelle aprova , o que este chama injusto ;  
 O que este segue , o outro chama errado.  
 Todos tem o seu voto por mais justo ,  
 E sendo o reyno em sangue já banhado ,  
 Ninguem sabe de certo em tal perigo ,  
 Quem seja o proprio Rey , quem o inimigo.

João

## XI.

João, de Portugal Defensor forte  
Por emprego, por honra, e por affecto,  
A quem os riscos da inconstante sorte  
Já mais mudar poderaõ de projecto;  
Entre tanta ruina, e tanta morte,  
Impávido sustem, com firme aspecto,  
Nos hombros da constante heroicidade,  
As reliquias da antiga liberdade.

## XII.

Qual o bravo leão, que vê cercados  
Os outeiros de armados caçadores,  
Os ouvidos feridos, e atoados  
De alaridos, ruidos, e clamores:  
A pesar dos insultos declarados,  
A pesar das imagens dos horrores,  
Descobre a frente altiva, e sem receio  
Já mais altera o placido passeio.

## XIII.

Tal o varaõ constante os horrorosos  
Ameaços, e riscos observando,  
No poder dos contrarios orgulhosos,  
E desordem do povo miserando,  
A pesar dos perigos espantosos,  
A pesar do trabalho mais infando,  
Já mais altera o firme pensamento  
De sustentar do trono o luzimento.

Vei

## XIV.

Via a chamma voraz da guerra ardendo  
 No mesmo coração da patria amada,  
 Ministrando materia ao fogo horrendo,  
 Para a propria ruina a Lusa espada.  
 Via a torpe ambição nas maons rompendo  
 Os laços mais fieis da fé sagrada,  
 Authorizar a força dos insultos  
 Na mesma fé dos desprezados cultos.

## XV.

Via a impia vingança indignamente  
 Profanando do trono a magestade,  
 Fomentar a desordem no indecente  
 Exercicio da summa authoridade.  
 Via abonar o estrago infamemente  
 Da mesma nacional barbaridade;  
 E entre tantos objectos de violencia  
 Mais o empenha o valor na resistencia.

## XVI.

Achava-se em Lisboa; e já se escuta  
 O bellico rumor junto á cidade;  
 Já defronte dos muros se disputa  
 O pleito marcial da liberdade:  
 Corre ás portas o Heróe, onde executa  
 Prodigios de valor, e actividade;  
 De poucos cavalleiros se acompanha,  
 Mas que fazem tremer a toda Hespanha.

Dois

## XVII.

Dois Vasconcellos saõ ; hum Azevedo :  
 Hum Castro , quatro Conhas , tres Pereiras ;  
 Hum Albuquerque , hum Motta , hñ Figueiredo ;  
 Hum Almeida , dois Freyres , dois Sequeiras ,  
 Dois Leitoens , quatro Veigas , hum Macedo ,  
 Dois Correas , hum Britto , dois Nogueiras ,  
 E outros taes , a quem nunca a dura forte  
 Pode causar temor no peito forte.

## XVIII.

Era a gente inimiga quem causava  
 O estrepito fatal , que se sentia ,  
 Pois já perto dos muros se mostrava  
 Precedida de bellica harmonia ;  
 Exercito potente atropellava  
 A visinha campanha , e se extendia  
 Em roda da cidade , a quem ordena  
 De hum assedio tirano a larga pena.

## XIX.

Brilhava o Sol nas armas rutilantes ,  
 Movia o vento as tremulas bandeiras ,  
 E o ruido das vozes dissonantes  
 Augmentava o terror por mil maneiras :  
 O rinchar dos cavalloos arrogantes ,  
 O clamor das trombetas lizonjeiras  
 Tudo em triste concerto representa  
 A scena de Belona mais cruenta.

De

## XX.

De diversas insignias adornados  
 Diversos estandartes se divizaõ,  
 Quaes ferozes leoens mostraõ pintados,  
 Quaes dourados castellos simbolizaõ.  
 Alli vaõ huns de cruces matizados,  
 Outros, que de roélas se matizaõ,  
 E entre tantas divisas Castelhanas,  
 Vaõ tambem tremulando as Lusitanas.

## XXI.

Tambem as nobres Quinas Portuguezas  
 Se vem luzir no campo dos contrarios,  
 Que do seisma fatal as incertezas  
 Fazem na mesma gente effeitos varios.  
 Oh dor! oh pasmo! oh feras naturezas!  
 Que nos riscos da patria necessarios  
 Sejaõ seus mesmos filhos inimigos  
 Instrumento cruel dos seus castigos.

## XXII.

Mas já com furia horrivel vem marchando  
 Do campo Castelhana huma partida,  
 Na arrogancia das vozes publicando  
 A soberba, que ao genio traz unida;  
 A's portas se encaminha, que tomando  
 A fama de Agostinho esclarecida,  
 Do seu nome conservaõ na memoria  
 Segura protecção, defenza, e gloria.

Def.



## XXIII.

Destas portas os Castros tem a guarda,  
Dos grandes Vasconcellos assistidos,  
A cada qual parece já que tarda  
A furia dos contrarios atrevidos:  
E porque talvez vem, que os acobarda  
O respeito dos muros defendidos,  
Delles se apartaõ com galhardo alento  
A domar-lhe no campo o atrevimento;

## XXIV.

Já das lanças crueis as hastas leves  
Saltando pelos ares vaõ rugindo,  
Das espadas os golpes saõ taõ breves,  
Que huns dos outros parecem vir partindo.  
Quaes no frio Janeiro as brancas neves  
Em continuo chuveiro estaõ cahindo,  
Taes das Lusas espadas fulminantes  
Chover parecem golpes incessantes.

## XXV.

Cobre-se a terra de cortadas peças  
De escudos, elmos, peitos, e lorigas,  
Nas carnes desarmadas, mais impressas  
Se vem da ira as barbaras fadigas;  
Das hervas mais crescidas, mais espessas  
Inunda o sangue as folhas, e as espigas;  
Armas, plumas, cavallos, cavalleiros  
Todos saõ na ruina companheiros.

Cede

## XXVI.

Cede a turba Hiberina á furia ardente  
 Dos Portuguezes valorofos braços,  
 Abatida a arrogancia torpemente,  
 Vai mudando em lamento os ameaços:  
 Alguns da vida os fios tristemente  
 Cortados perdem nos primeiros passos;  
 Os que podem fugir, já sem concerto  
 Procuraõ salvação no campo aberto.

## XXVII.

Cada qual do caminho se aproveita,  
 Que prompto lhe ministra o medo triste;  
 Ninguem dos capitaens a voz respeita,  
 Nos mesmos capitaens o fusto infiste:  
 He geral a defordem da desfeita,  
 Arelhano sómente ainda resiste;  
 Mas se evita a vergonha da fugida,  
 A liberdade chora alli perdida.

## XXVIII.

Era Arelhano illustre cavalleiro,  
 Nas tropas Hespanhollas respeitado,  
 Arrogante de genio, mas guerreiro,  
 Nas palestras de Marte exercitado;  
 Valente se mostrára no primeiro  
 Impulso do combate arrebatado,  
 Mas Diogo, que Esteves se appellida,  
 Lhe fez render as armas pela vida.

Reco-

## XXIX.

Recolhem-se á cidade os valorosos  
Defensores das portas, sem ruina ;  
Mas da parte do mar, com horrorosos  
Alaridos, a gente se amotina ;  
Lançam todos os olhos cuidadosos  
A' corrente do Tejo cristalina,  
E de inimigas velas vem coberto  
O rio todo com cruel concerto.

## XXX.

Qual na brava filveira entrincheirado  
O matador de Adonis destemido,  
Que de caens, e monteiros vê cercado  
Todo o espaço do monte conhecido ;  
Dos clamores das gentes alterado,  
Dos ladros dos fabujos confundido,  
Em roda observa todo o abrigo occulto,  
E em toda a parte nota o mesmo insulto.

## XXXI.

Taes os valentes Lusos entre os muros  
Cercados do poder de toda Hespanha,  
Notando estão com olhos mais seguros  
O tumulto fatal da gente estranha ;  
Ouvem do tambor rouco os écos duros,  
Que o clamor das trombetas acompanha,  
Acodem á muralha, e em toda a parte  
Vem presente o furor do irado Marte.

Por

## XXXII.

Por mar, por terra as armas Castelhanas  
 Ameaçã ruinas, e castigos,  
 O povo se horroriza das tiranas  
 Repetidas imagens dos perigos:  
 Já naõ temem sõmente as deshumanas  
 Consequencias dos golpes inimigos;  
 As ideas da fome, e da miseria  
 Lhe daõ para o temor maior materia.

## XXXIII.

Naõ era ainda a falta de alimentos  
 Sensível neste tempo, porque havia  
 Na cidade bastantes mantimentos  
 Para a gente cercada; mas fazia  
 Despertar taõ funestos pensamentos  
 O bloqueio completo, em que se via  
 Por mar, e terra a gente miseravel  
 Rodeada de força insuperavel.

## XXXIV.

Anima o Heróe o povo, e com cuidado,  
 A conselho convoca os companheiros,  
 A quem expoem, com gesto socegado,  
 Toda a força dos riscos verdadeiros:  
 Pondera na cidade o triste estado,  
 De hum longo cerco os damnos mostra inteiros,  
 E pede a todos, que com zelo puro,  
 Discorraõ no remedio mais seguro.

Cada

## XXXV.

Cada qual no remedio discorria,  
 Segundo o proprio genio lhe inspirava;  
 Hum soccorros estranhos pertendia,  
 Outro concertos vaons premeditava:  
 Algum, que do furor só se regia,  
 Huma acção decisiva aconselhava,  
 E perdidas as horas na disputa,  
 Se dissolve a assemblea irresoluta.

## XXXVI.

Em tanto, lá no Olympo luminoso,  
 Onde quiz a suprema Omnipotencia  
 Edificar hum trono magestoso,  
 Posto que immensa seja por essencia;  
 Onde assistem, com culto obsequioso,  
 Os ministros da summa Providencia,  
 Promptos para cumprir a toda a hora,  
 As ordens do Senhor, que o mundo adora,

## XXXVII.

Este Senhor Supremo, Omnipotente,  
 Grande Deos, Infinito, Inexplicavel,  
 Terrivel, Forte, Sabio, providente,  
 Bom, Benigno, Fiel, Piedoso, Amavel,  
 A cujo summo arbitrio está presente  
 Quanto alcança do tempo o curso instavel,  
 Desde o solio luzente os olhos puros  
 Inclinou de Lisboa aos tristes muros.

B

Vio-os

## XXXVIII.

Vio-os todos cercados de inimigos,  
 Que a sua perdição soberbos juraõ;  
 Vio por dentro misérias, e perigos,  
 Que a ruina fatal mais lhe asseguraõ;  
 Conhecia a justiça dos castigos,  
 Que as feas culpas da nação apuraõ;  
 Mas movido da dor de tantos damnos,  
 Já compassivo olhava os Lusitanos.

## XXXIX.

O Genio tutelar da Lusa terra,  
 Que vio propicio ao rogo o Deos piedoso,  
 Animado do zêlo, que se encerra  
 No sacro ministerio cuidadoso,  
 Depois que o santo fusto em fim desterra,  
 Que lhe motiva o Numen magestoso,  
 Desta forte lhe falla reverente  
 Postrado aos pés do trono refulgente.

## XL.

Eterno Deos, a cujo acêno treme  
 O ceo, a terra, o mar, e o mesmo inferno,  
 Cujos sagrado nome adora, e teme  
 Todo o Orbe em respeito sempiterno,  
 Bem vês, Senhor, o como afflicto geme  
 O povo, que entregaste ao meu governo,  
 Se he teu gosto tal vez, que se destrua,  
 O teu justo designio se conclua.

Mas

## XLIX.

Mas se acaso, Senhor, os seus peccados  
 Não tem frustrado as altas esperanças,  
 Que na ordem dos seus illustres fados  
 Lhe prescreveste de immortaes bonanças;  
 Se acaso neste povo executados  
 Haõ de ser com ditosas seguranças  
 Os prodigios illustres, que em Ourique  
 Asseguraste ao successor de Henrique?

## XLII.

Se haõ de ser deste sangue descendente  
 Os que o teu santo nome respeitavel  
 Haõ de levar a climas differentes  
 Com zêlo do teu culto incomparavel,  
 Se os paizes occultos ás mais gentes  
 Haõ de calcar com fama inimitavel,  
 Para serem ditosos instrumentos  
 Dos teus pios, e justos documentos?

## XLIII.

Se ha de ser este reyno o teu Imperio,  
 Separado do resto das Hespanhas,  
 E por prova da fé deste misterio  
 Lhe fizeste obrar tantas façanhas?  
 Se o pezo facudir do jugo Hiberio  
 Lhe ordenaste na face das campanhas,  
 Como agora, Senhor, em tanto damno  
 Lhe falta o teu soccorro soberano?

## XLIV.

Ah! não permita a tua providencia  
 Deixar tantos prodigios mal logrados:  
 Se tu es immutavel por essencia,  
 Não podem teus designios ser mudados.  
 Promessas são da tua omnipotencia  
 Desta gente os progressos sublimados,  
 Ampare já, Senhor, teu braço forte  
 Os que destinas a tão alta sorte.

## XLV.

Ouvio o Pay Supremo o rogo attento  
 Do sacro Paraninfo cuidadoso,  
 E com vulto sereno, que o tormento  
 Do mesmo abismo convertera em gozo,  
 Enchendo os Ceos de novo luzimento  
 Na alegria do gesto magestoso  
 Lhe responde benigno, e socegado  
 Com patentes finaes de novo agrado.

## XLVI.

Não temas, não dos teus a sorte dura;  
 Provas são do valor essas fadigas,  
 Com que a Lusã nação a gloria apura  
 Da fama illustre das acçoens antigas,  
 Os mimosos indultos da ventura  
 Não lhe offendem as armas inimigas;  
 Immutaveis estão ao reyno unidos  
 Os fados, que lhe foraõ promettidos.



## XLVII.

E porque melhor vejas se propicio  
 Attendo aos teus amados Lusitanos,  
 Vê, lhe diz, esse livro, onde o exercicio  
 Lerás das gentes dos vindouros annos;  
 Nisto lhe abre, com alto beneficio,  
 O livro sacrosanto dos arcanos,  
 Onde em letras de luz se vem impressos  
 Dos incertos futuros os successos.

## XLVIII.

Vê, diz, e agora parte diligente  
 A esforçar o Varaõ, que o povo alenta;  
 Dissipa-lhe o cuidado, e cautamente  
 Da victoria a esperança lhe accrescenta,  
 Dos futuros successos juntamente  
 Hum breve vaticinio lhe apresenta;  
 Mas de sorte, que possa esta esperança  
 Dar-lhe alentos, não dar-lhe seguranca.

## XLIX.

Que se o valor humano for seguro  
 Do contingente risco dos successos,  
 Na ditosa certeza do futuro,  
 Pouco podem valer os seus progressos.  
 Anime o Defensor o peito puro,  
 Os favores do Ceo conheça expressos;  
 Mas o nuncio celeste não conheça,  
 Porque se alente, e não se desvaneca.

Disse,

## L.

Disse , e sem mais demora o Genio parte ,  
 E com vôo feliz á terra desce ,  
 Que do estrondo fatal do irado Marte ,  
 Parece , que se abála , ou que estremece ;  
 Alli melhor Protheu , com melhor arte ,  
 Mudada a fôrma , as luzes escorece ,  
 E em observancia da divina norma  
 No vulto de Barrocas se transforma.

## LI.

Era Barrocas hum varaõ famoso  
 Em Virtudes , no reino conhecido ,  
 Que habitando de hum ermo o mais fragoso ,  
 Era na corte com assombro ouvido.  
 Poucas vezes largava o sitio umbroso ,  
 Onde passava os annos escondido ,  
 E se vinha á cidade , era constante  
 Ser para avizo a todos importante.

## LII.

De hum grosso , e roto manto mal talhado  
 Os penitentes membros abrigava ,  
 Da barba intonsa o pelo dilatado  
 Ametade dos peitos lhe bordava :  
 Curvado o corpo , o rosto descarnado  
 De veneraveis cans a fronte ornava ;  
 Hum bordaõ , humas contas , hum livrinho  
 Era todo o seu movel , todo o alinhão.

Esta

## LIII.

Esta mesma figura o Genio adopta  
O mesmo tom de voz, o mesmo estilo,  
O mesmo inculto adorno alli se nota,  
Ninguem pôde do proprio distinguillo:  
Concorre o povo em confuzão devora  
▲ ver Barrocas, a tratallo, e ouvillo,  
E entre applauso, esperanças, e embaraço  
O levaõ de Joaõ ao alto paço.

## LIV.

Era pio o Heroe: recebe affavel  
Nos braços o fingido Anacoreta,  
E humilhado á virtude respeitavel  
Lhe beija a pobre manga da roupeta;  
Mas depois que no agrado incomparavel  
A publica attenção julgou completa,  
O conduz com suave, e breve giro  
Ao mais occulto, interior retiro.

## LV.

Alli com pia fé do peito afficto  
Lhe communica todos os cuidados,  
Em que fluctua o coração invicto,  
Na funesta oppressão dos sitiados  
Supplica-lhe, que alcance do infinito  
Poder de Deos com rogos porfiados  
Soccorro a tantos damnos; se são certas  
As promessas a Affonso descubertas.

As

## LVI.

As promessas de Deos são infalliveis,  
 Lhe diz o sacro Genio disfarçado;  
 Mas na esfera confusa dos possiveis  
 Nada alcança o juizo limitado;  
 Talvez nos mais funestos, mais horriveis  
 Successos, que lamenta o nosso enfado,  
 Fabrica a mão de Deos Omnipotente  
 A gloria mais feliz, mais permanente.

## LVII.

Naõ te affustem os feros ameaços  
 Da guerra dura, da miseria triste;  
 No desprezo dos grandes embaraços  
 O valor verdadeiro só consiste:  
 A palavra de Deos te anima os passos,  
 No teu projecto firmemente insiste,  
 E verás o rigor mudado em gloria,  
 Premiado o trabalho na victoria.

## LVIII.

Verás o mesmo Rey, que agora a lança  
 Brandindo está feroz para a conquista,  
 Buscar do proprio folio a segurança  
 Nos mesmos laços da alliança mista:  
 Duas irmans, que da paterna herança  
 O cuidado trará de Hespanha á vista,  
 Verás huma da tua escolha abono,  
 Outra firmeza do contrario trono.

Famo-

## LIX.

Famosa descendencia te affegura  
 Este illustre Hymeneu, que o Ceo prepara,  
 Se não he illusão da idéa escura  
 O que julgo favor da luz mais clara;  
 Europa toda vejo, com fé pura,  
 O joelho dobrar á prole chara;  
 Mas deixando os estranhos principados,  
 Dos Lusos só direi os mais chegados.

## LX.

Hum constante Duarte o Ceo destina  
 A succeder no trono restaurado,  
 Que com raras virtudes illumina  
 A breve afflicta esfera do reinado;  
 Frustrar-lhe alguns projectos determina  
 Talvez a força do immutavel fado;  
 Mas por premio das grandes qualidades,  
 Lhe dará fama illustre nas idades.

## LXI.

Nem menos conhecidos nas historias  
 Seraõ dos quatro irmaons os nomes claros,  
 Pedro, Joã, e Henrique nas memorias  
 Dos successos de Marte mais preclaros,  
 Fernando, se não já nestas victorias,  
 Nos triunfos da fé não menos raros;  
 Pois das breves caducas esperanças  
 Há de formar eternas seguranças.

Acaba-

## LXII.

Acabado o governo de Duarte ,  
 Affonso regerá da Lilia a gente ,  
 Affonso , que na voz do duro Marte  
 Affamado será eternamente :  
 Tanto fará tremer do mundo a parte ,  
 A quem notavel faz o clima ardente ,  
 Que disputando a gloria do Romano ,  
 Conhecido será por Africano .

## LXIII.

Maior que Affonso o filho se reputa ;  
 Joã , nome feliz nos Portuguezes ,  
 Que do paterno affecto na disputa  
 Ao trono subirá por duas vezes ;  
 Mas sempre com tal fama , e tal conduta ;  
 Que vencendo as invejas descortezes ,  
 Conseguirá do mundo no respeito  
 Ser tratado por Principe perfeito .

## LXIV.

Pio , justo , valente , generoso ;  
 Verdadeiro , magnanimo , discreto ,  
 Será de Marte affombro respeitoso ,  
 De Nemefis modello o mais completo  
 Pay dos fieis vassallos amoroso ,  
 Flagello do soberbo orgulho inquieto .  
 Na sciencia dos Reys será notado  
 Dos vindouros por mestre consumado .

Deste

## LXV.

Deste o Ceo não permite , que do trono  
 A próle chara occupe o Regio assento ;  
 Porque tem destinado para abono  
 Da gloria Lusitana , outro instrumento :  
 Hum Rey lhe ordena Deos , de quem Patrono  
 Se ha de mostrar no mesmo nascimento ,  
 Do teu fangue igualmente acreditado ,  
 Por Duarte , e Fernando derivado.

## LXVI.

Manoel ha de ser o Rey potente ,  
 Que as promessas de Deos verá cumpridas ;  
 No seu tempo seraõ na estranha gente  
 Da Ley santa as verdades recebidas.  
 Nas mais remotas terras do Oriente  
 Seraõ suas bandeiras conhecidas ,  
 E seraõ seus baixeis encaminhados  
 Por mares nunca dantes navegados.

## LXVII.

Novos mundos veraõ as Lusas Quinas  
 No progresso feliz deste governo ,  
 Vassallagem render ás leys Divinas ,  
 A<sup>c</sup> Lisboa preparar tributo eterno ;  
 Aromas , sedas , ouro , e pedras finas  
 Illustraráõ de sôrte o fasto externo ,  
 Que será conhecido este reinado  
 Em Portugal por seculo dourado.

Mas

## LXVIII.

Mas não será só de ouro a cópia rara,  
 O mais illustre dom da mão suprema  
 Nas prendas dos vassallos lhe prepara  
 A summa providencia a gloria extrema;  
 Heróes de toda a classe a Lizia clara  
 Então produzirá, que em nobre emblema  
 As virtudes dos Gregos, e Romanos  
 Haõ de mostrar nos peitos Lusitanos.

## LXIX.

Outro novo Jason, outros famosos  
 Argonautas espera aquella idade,  
 Outros Manlios não menos gloriosos;  
 Fabricios, Scipioens de mais bondade;  
 Nem sómente nas armas preciosos  
 Estes tempos feraõ, na suavidade  
 Hum Homero teraõ, que cante a brados  
*As armas, e os varoens assignalados.*

## LXX.

Outro Joaõ do reino a redea dura  
 Regerá felizmente, e no cuidado  
 Do culto pio, da sciencia pura  
 Será com justa causa acreditado;  
 Protegendo das letras a cultura,  
 Não vivirá das armas descuidado,  
 E por seus capitaens fará patente  
 O seu nome na Asia, e Libia ardente.

Este



## LXXI.

Este verá do filho as esperanças  
 Em flor cortadas; mas o neto egregio  
 O trono ha de occupar, e as confianças  
 Da Lilia animará no vulto regio;  
 Se a virtude pudesse as seguranças  
 Aos seus alumnos dar por privilegio,  
 Sebastião, no templo da memoria  
 Lograria de todos a victoria.

## LXXII.

Mas nem sempre a fortuna favorece  
 As illustres virtudes, nos castigos  
 Talvez a mão de Deos se reconhece  
 Opprimir mais pezada os mais amigos;  
 Não porque menos justa nunca cesse  
 De premiar os bons; mas nos perigos  
 Purifica, talvez com mais cuidado,  
 Os que destina a mais brilhante estado.

## LXXIII.

Aqui hum pouco o Genio suspendido  
 A narraçãõ cortou, e hum breve espaço  
 Os olhos para o ceo havendo erguido  
 Parecia sentir forte embaraço;  
 João lhe insta com rogo repetido,  
 Que dos presagios não altere o passo;  
 Porque o peito constante tem disposto  
 A soffrer igualmente a pena, e o gosto.

Não

## LXXIV.

Não intentes, o Genio entã responde,  
 Ouvir dos teus a mais fatal ruina,  
 Que em distancia confusa o tempo esconde  
 A' justa dor, que o sangue te destina;  
 Mas se o valor no peito corresponde  
 A' constancia, que o gesto te domina,  
 Ouve, e verás com quanta congruencia  
 Observa o tempo as leys da Providencia.

## LXXV.

Decimo sexto Rey da Lusa terra  
 Sebastião ferá; na fatal conta  
 Quanto funesto risco o fado encerra,  
 De Ourique o vaticinio claro aponta,  
 A Libia ardente vejo em triste guerra,  
 A' Lisia preparar eterna afronta,  
 E a próle Regia alli attenuada,  
 A palavra de Deos executada.

## LXXVI.

Perde-se hum grande Rey, e quasi extincta  
 Do grande Affonso a Lusa descendencia,  
 Mais a magoa da perda se requinta  
 No imminente receio da violencia,  
 E bem que o sacro emprego mal confinta,  
 Que Henrique próle espere com decencia,  
 No trono fará ver equivocada  
 A purpura real com a sagrada.

Este

## LXXVII.

Este será da Lusa varonia  
 A ultima reliquia, e brevemente  
 Na triste servidão da tirania  
 Generá Portugal affictamente:  
 Doze lustros suppressa a Monarchia  
 O jugo soffrerá da Hiberia gente,  
 E sobre os altos peitos Lusitanos  
 Reinará tres Filippes Castelhanos.

## LXXVIII.

Mas o tempo virá, que satisfeita  
 A justiça Divina, o alto indulto  
 Da primeira promessa a Affonso feitz  
 Cumprido mostrará com firme vulto;  
 Os olhos outra vez na prole eleita  
 Porá o Deos supremo, e o regio culto  
 Restituído á Lusitana gente  
 Será com fama eterna illustremente.

## LXXIX.

Outro Joaõ da Lusa liberdade  
 Restaurador será, que de Bragança  
 No sangue illustre a regia Magestade  
 Conservará de Affonso sem mudança:  
 Este do trono a antiga dignidade  
 Renovará com rara confiança,  
 E será o seu nome respeitoso  
 Conhecido no mundo por ditoso.

Affonso

## LXXX.

Affonso, e Pedro successivamente  
 O trono occupará, ambos famosos,  
 Hum nas victorias da Hiberina gente,  
 Outro nos dons da paz sempre formosos;  
 Felices ambos, se a discordia ardente  
 Lhe não manchar os peitos generosos;  
 Porém sempre felices no destino  
 De confundir a furia do Hiberino.

## LXXXI.

Outra vez de Joã o nome egregio  
 O solio adornará de illustre gloria,  
 Que nas prendas reaes, no vulto regio  
 Será eterno emprego da memoria;  
 Este o Ceo com distincto privilegio,  
 Guarda para esplendor da Lusa historia,  
 E no seu tempo, as artes, e sciencias  
 Animará, com altas influencias.

## LXXXII.

Os aureos fructos de huma paz formosa  
 Encherão de abundancia aquella idade,  
 E á sombra da opulencia deleitosa  
 A industria crescerá com liberdade;  
 Cultivada a fereza bellicosa  
 Nos dictames civis da humanidade  
 Fará luzir na gente Lusitana  
 O valor, e a policia da Romana.

Famo-

## LXXXIII.

Famosos Templos, nobres edificios,  
 Equipagens pompofas, moveis raros  
 Seraõ naquelles seculos propicios  
 Do gosto da Nação effeitos claros:  
 Das campinas os mesmos frontespicios  
 Menos rudes seraõ; pois nos preclaros  
 Cuidados da feliz agricultura  
 Trocaraõ os espinhos em verdura.

## LXXXIV.

No mesmo tempo a sabia providencia  
 Do grande Rey, no culto da justiça,  
 No respeito das leys, na reverencia  
 Dos sagrados mysterios mais submissa,  
 Nos premios da virtude, e da sciencia;  
 Nos castigos da fraude, e da cobiça  
 Mais illustre fará, mais preciosa  
 Aquella idade sempre venturosa.

## LXXXV.

Nem das armas a fama esclarecida  
 Desprezada será do Rey potente,  
 A soberba Othomana confundida  
 Verá o mar Egeo por sua gente:  
 Corfú vingada, Italia soccorrida  
 Seraõ padroens da gloria permanente,  
 Que logrará o nome respeitavel,  
 Ou na paz, ou na guerra, sempre amavel.

## LXXXVI.

Jozé do Patrio Trono o augusto affento  
 Illustrará de novos esplendores,  
 Fabricando no Regio pensamento,  
 Para o Luso governo, as leys melhores,  
 A Policia civil, o Regimento  
 Das gentes militares, os maiores  
 Projectos do Commercio, e da Cultura  
 Seraõ do seu cuidado empreza pura.

## LXXXVII.

Novas fabricas, novos exercicios  
 Da nacional industria aquella idade  
 Logrará nos augustos beneficios  
 Da Regia providente authoridade;  
 Da lan, da seda os varios artificios,  
 Dos bornidos metaes a claridade,  
 Do barro, e da madeira os nobres usos  
 Seraõ vulgares nos dominios Lufos.

## LXXXVIII.

Famofas, opulentas companhias  
 Pela mão do governo reguladas  
 Mostraraõ do commercio as primazias  
 Dos seculos antigos ignoradas,  
 Do ocio, e da avareza as vans porfias  
 Seraõ a fim mais util destinadas;  
 E facudindo jogos encobertos  
 Provaraõ do negocio os lucros certos.

Neste

## LXXXIX.

Neste tempo outra vez a paz serena  
 Perturbada será na Lusa terra,  
 E mudado o exercicio, o Ceo ordena;  
 Que se deixe a lavoura pela guerra,  
 O desuso fará mais grave a pena,  
 Que na furia inimiga o susto encerra;  
 Mas será breve o termo do castigo  
 Conhecido sómente no perigo.

## XC.

Extincta a guerra, novas providencias  
 Dará Jozé á patria segurança,  
 Prevenindo o rigor das contingencias  
 Desde o seyo suave da bonança:  
 Rico Erario com promptas diligencias  
 Formará contra os riscos da mudança,  
 E nas praças, nas armas, e na gente  
 A força augmentará o Rey prudente.

## XCI.

O Ceo lhe nega o gosto appetecido  
 De próte varonil, mas bem segura  
 A memoria do tronco esclarecido  
 Na Filha illustre, e pio Irmao se apura:  
 Neste Conforcio felizmente unido  
 O fangue Portuguez em liga pura  
 Novas luzes prepara ao trono regio  
 Nos primores do fruto mais egregio.

## XCII.

Larga materia resta á Lusa gloria  
 Nos successos futuros ; mas bastante  
 Tens ouvido de mim para a victoria  
 De hum timido receio vacilante :  
 Anima o peito , e guarda na memoria  
 Do certo vaticinio a luz brilhante ,  
 E na fé de taõ altas esperanças  
 Naõ te acobarde o susto das mudanças.

## XCIII.

Deos te destina para o trono Luso ,  
 Por altas permissoens da Providencia ;  
 O juizo dos homens he confuso  
 Para ver as razoens da Omnipotencia.  
 Naõ te creias injustamente intruso  
 Na distincçaõ da Regia preminencia ;  
 Deos he Senhor dos Reynos ; repartillos  
 Elle só póde , póde dividillos.

## XCIV.

Do grande Affonso nõta o caso raro ,  
 Exemplo encontrarás desta verdade ,  
 O Ceptro lhe negava o mundo avaro ,  
 Deos lho deu com suprema authoridade ;  
 Filhos tinha Saul , em quem bem claro  
 Era o direito á Regia Dignidade ;  
 Mas na mente Divina era primeiro  
 David estranho , que Isboseth herdeiro.

Quat-



## XCV.

Quando a ordem dos Ceos se não conhece;  
 Faz a justiça humana regra certa,  
 A quem deve ceder todo o interesse,  
 Com submissão fiel, e descoberta,  
 Que se esta ley geral se prevertesse,  
 Terião as traiçoens a porta aberta;  
 Mas quando Deos declara o seu intento,  
 Ha de ser cego o nosso rendimento.

## XCVI.

Elle te fará ver distinctamente  
 Do seu deznio as puras influencias,  
 Não só no ardor da Lusitana gente,  
 Mas em prodigios de altas evidencias;  
 Antes que o Reyno, em fórma competente;  
 Te offereça do Solio as preminencias,  
 Acclamado serás Rey Lusitano  
 Pela voz da innocencia em culto ufano.

## XCVII.

Então o Luso Ceptro sem receio  
 Aceitar poderás: agora aprende  
 A saber merecello; pois por meio  
 Dos trabalhos a gloria se pertende.  
 Disse, e deixando o Heróe de assombros cheio  
 Das cousas, que ainda bem não comprehende,  
 Delle se aparta, dando-lhe a certeza  
 De encommendar a Deos aquella empreza.

Ani-

## XCVIII.

Animado ficou de hum novo alento  
 O valoroso Heróe; no seu semblante,  
 Se diviza com claro luzimento  
 De huma firme constancia a luz brilhante;  
 Infunde o seu aspecto atrevimento  
 No peito mais mortal, mais vacilante,  
 E dos olhos parece, que fulmina  
 Ardentes raios de huma luz Divina.

## XCIX.

Neste estado apparece aos companheiros,  
 Com elles corre sobre os altos muros,  
 Influindo nos animos guerreiros  
 Novo espirito, alentos mais seguros.  
 Fugindo vinhaõ varios cavalleiros  
 Do Castellano ferro aos golpes duros;  
 Mas do claro Varaõ basta a prezença  
 Para animar os Lusos á defença.

## C.

Elle accode com prompta providencia  
 A suspender as furias inimigas,  
 E renova com brava diligencia  
 A perdida constancia das amigas:  
 Elle inspira nos seus a competencia,  
 Desprezando trabalhos, e fadigas;  
 Elle busca os contrarios mais famosos,  
 Que intimidá com golpes furiosos.

## CI.

A's suas mãos perdeu a triste vida  
O valente Pantoja, o bom Guevára,  
Com Lozada arrogante; e mal ferida  
A cabeça, de hum golpe, não repara  
Em fugir Espinoza; nem duvida  
Gusmaõ fazer o mesmo, a quem tocára  
Igual forte no damno, recebendo  
No belicozo braço hum golpe horrendo.

## CII.

Affim cheio de gloria, e de esperança  
Se recolhe á cidade, affim alenta  
Dos cercados varoens a confiança,  
Do consternado povo a dor violenta;  
Affim guarda com firme segurança  
Os confiados muros, onde ostenta  
Cada dia com zêlo duplicado  
Mais valor, mais prudencia, e mais cuidado.

*FIM DO CANTO I.*



A LIBERDADE  
CANTO II.

ARGUMENTO.



*DEPOIS de tres mezes de cerco, sem que os sitiados desmaiassẽ do primeiro ardor, principiavaõ os Capitaens Castelhanos a cançar-se desta guerra; e o mesmo Rey desgostozo do pequeno progresso das suas armas, da notoria aversaõ dos Portuguezes, da inconstancia da Rainha sua Sogra, e de alguns acontecimentos, que a vulgar credulidade julgava presagios funestos, e assustado das brilhantes acçoens do Defensor de Portugal, principiava a affrouxar nas suas iras, e já cogitava de algumas propostas suaves para se tratar a paz; quando no Inferno o Principe das Trevas indignado contra os Portuguezes por antigos aggravos, e receozo das promessas feitas ao Senhor Rey D. Affonso Henriques, pertende*

de fazer continuar a guerra , e arruinar o Trono de Portugal. Prática de Luzbel aos genios infernaes ; duvidas de Asinodeo ao projecto de favorecer aos Castelhanos , sendo Christaons , resposta de Luzbel. Vaõ com effeito as Furias infernaes fazer todo o mal possivel aos Portuguezes , e huma dellas em sonhos , incita o Rey Castelhana a proseguir a guerra com maior fervor. Chama o Rey a Conselho de Guerra , expondo o sonho ; pareceres do Conde de Barcellos , e de outros Capitaens , voto de Vallasco ; rezolução do Rey. Ataca-se huma partida de Portuguezes , que se acha fóra da Cidade , que cede com effeito ao maior numero , e se retira aos muros ; mas o Defensor os obriga a voltar aos inimigos , que se lizonjeavaõ de tomar a Cidade. Atêa-se novamente a contenda , que dura todo o dia , e a noite aparta , e naõ decide a disputa.



# A LIBERDADE.

## CANTO II.

### I.

**E** Ra o tempo, em que Phebo luminoso  
 Entre os filhos de Leda passa ufano,  
 E quasi assigna o termo glorioso,  
 Da mais bella estação de todo o anno;  
 Quando as flores com vulto mais pomposo  
 Ostentaõ da belleza o breve engano,  
 E das aves a branda melodia  
 Se repete com mais gentil porfia.

Já

## II.

Já tres vezes a filha de Latona  
 Mostrado tinha á terra o vulto inteiro,  
 E ontras tantas do ardor, que a luz lhe abona,  
 Occultára o reflexo lisonjeiro,  
 Depois que a furia horrivel de Belona  
 Intimava á Cidade o som guerreiro,  
 Sem que no espaço de tão largos dias  
 Desmaiassẽ as Lusas ousadias.

## III.

Rebatidos das forças Lusitanas,  
 E da sorte contraria fatigados,  
 Os capitaens das armas Castelhanas  
 Os peitos já mostravaõ quebrantados;  
 Do mesmo Rey as iras inhumanas,  
 Os primeiros impulsos, e cuidados  
 De vingança, mais brandos pareciaõ,  
 Ou nas sombras do susto se escondiaõ.

## IV.

Elle via dos Lusos a firmeza  
 Cada vez mais constante, o zêlo puro  
 Da liberdade, e gloria Portugueza  
 Cada dia mais vivo, e mais seguro;  
 Elle via o valôr, e fortaleza,  
 A prudente conduta, e braço duro  
 Do grande Defensor acreditar-se  
 Nos successos, crescer, e confirmar-se.



## V.

O desprezo da morte, que ostentava  
Nas continuas fortidas, que fazia  
O Valoroso Heróe, a furia brava  
Dos seus golpes, o susto, que infundia  
O seu nome, o respeito, que lograva  
No povo Portuguez, tudo abatia  
O primeiro fervor do Rey tirano,  
Que já temia o ferro Lusitano.

## VI.

A deserção, que via tristemente  
Grassar no seu partido, o delamparo  
De muitos, de quem foi primeiramente  
Acompanhado no projecto avaro,  
Das Provincias o estillo inconsequente  
A fatal averção, ou odio claro  
Da Nação nos temores mal segura  
Tudo suas idéas desfigura.

## VII.

A mesma sogra, a mesma, que fizera  
Tantas queixas da gente Lusitana,  
Que incitára, apressára, e promovera  
Os progressos da tropa Castelhana,  
A mesma, que aruina pertendera  
Do Defensor, que a culpa mais tirana  
Lhe imputava, e pedia o seu castigo,  
O tratava de injusto, e de inimigo.

Esta

## VIII.

Esta mesma, depois arrependida  
 Do primeiro projecto, e desgostosa  
 Da conduta do genro, ou dissuadida  
 Da justiça da filha duvidosa,  
 Com patentes insultos offendida  
 De hum desterro, e prizaõ injuriosa,  
 A liberdade patria desejava,  
 E já do Defensor o nome honrava.

## IX.

O Ceo mesmo, parece que empenhado  
 Em favor dos altivos pensamentos  
 Da gente Portugueza, o Rey turbado  
 Com presagios affusta, com portentos:  
 No conceito do povo alvoroçado  
 Tem mais lugar aquelles sentimentos;  
 Mas no peito de hum Rey talvez affiste  
 Hum coração vulgar, hum genio triste.

## X.

He fama nas memorias conservada  
 Dos antigos annaes, com fé constante,  
 Da tradiçã das gentes abonada,  
 Entre os ecos do tempo mais distante,  
 Que intentando na fôrma praticada  
 Pelos Lusos, em caso semelhante,  
 Acclamar-se a Raynha de Castella,  
 Com publico pregaõ, por mais cautella.

No

## XI.

No tempo, em que o ministro a passo brando  
 Por entre o povo vario se encaminha,  
 E grita alegremente a voz soltando,  
*Portugal, Portugal pela Raynha,*  
 Huma tenra menina, levantando  
 A cabeça no berço alli visinha,  
*Portugal, Portugal, diz duas vezes,*  
*Pelo Rey D. João dos Portuguezes.*

## XII.

E sendo em varias villas, e cidades,  
 Que o dominio de Hespanha consentiaõ;  
 Praticadas iguaes formalidades  
 Pelos que seu direito defendiaõ,  
 A pesar das crueis severidades,  
 Que os mais vivos temores infundiaõ  
 Huma velha caduca, hum pegureiro  
 Bastava a sublevar hum povo inteiro.

## XIII.

Mas sobre tudo o caso mais notavel  
 Do fanatico povo no conceito,  
 De vaons presagios sempre infaciavel,  
 A cegas illusoens sempre sujeito,  
 Foi hum successo nada reparavel,  
 De causas naturaes notorio effeito,  
 A quem deu só do tempo a circumstancia  
 Apparente figura de importancia.

Man-

## XIV.

Mandára confundir o Rey tirano  
 Na bandeira real, por mais cautella;  
 As insignias do trono Lusitano  
 Entre as armas antigas de Castella,  
 De hum, e de outro braço o pezo ufano  
 A Mendôça confia, e se desvella  
 Em fazer com formal solemnidade  
 Ostentaçã da nova dignidade.

## XV.

Mas apenas Mendôça rodeado  
 De Hespanhóes, e de alguns dos Portuguezes,  
 Sobre hum bruto soberbo, que gerado  
 Foi no centro dos campos Cordovezes,  
 Principia a marchar acompanhado  
 De lisonjas festivas, e cortezes,  
 Quando hum triste accidente desconcerta  
 Da cerimonia a pompa descoberta.

## XVI.

Hum turbilhão de vento impetuoso  
 Com subito furor se precipita  
 Sobre o grave congresso numerozo,  
 Onde as forças tiranas exercita;  
 Todo o concurso, o vento furioso  
 Descompõem, desconcerta, impelle, e agita;  
 Mas na regia bandeira tremolante  
 Fez impulso maior, mais fulminante.

## XVII.

O brazaõ Portuguez, ou mal seguro  
 No lugar destinado, ou combatido  
 Dos Ministros crueis de Eólo escuro;  
 Com impulso mais forte, ou repetido;  
 Agitado o pendaõ de hum golpe duro,  
 Foi das armas de Hespanha dividido,  
 Deixando na bandeira o lugar vago,  
 Sem que em si recebesse algum estrago.

## XVIII.

E proseguindo as feras influencias  
 Da desordem fatal deste accidente,  
 Apesar das mais promptas providencias;  
 Do zêlo mais fiel, mais competente,  
 Apesar do trabalho, e diligencias  
 De Mendõça já triste, e descontente,  
 O seu mesmo cavallo desbocado  
 Fugio, correo, cahio precipitado.

## XIX.

Destes, e de outros casos semelhantes  
 No conceito do vulgo portentosos,  
 E no enleio dos peitos vacillantes  
 Sempre nocivos, sempre perigosos,  
 Combatidos do Rey os arrogantes  
 Projectados intentos orgulhosos  
 Já não mostravaõ tanta confiança,  
 Já descobriaõ menos segurança.

## XX.

Pelo contrario o coração robusto  
 Do claro Defensor inalteravel,  
 Em quem não tem poder fadiga, ou susto,  
 Inflamado de zêlo incomparavel,  
 Nas promessas seguro do Céu justo,  
 Cada vez com firmeza mais notavel,  
 Mais constante, mais forte se ostentava,  
 E dos Lusos os peitos animava.

## XXI.

Cada dia no campo dos contrarios  
 Mil estragos fazia, mil castigos,  
 Sendo seus golpes sempre extraordinarios  
 O mais vivo terror dos inimigos,  
 O mesmo Rey tirano insultos varios,  
 Varios sustos soffreo, varios perigos,  
 E na sua presença o Varaõ forte  
 Muitos seus entregou á fera morte.

## XXII.

A seus olhos perdeu a doce vida  
 Grisalva, com Giron, a quem levára  
 A's maons do Defensor a fé devida,  
 Que em defença do Rey os empenhára;  
 Porque vendo no estrago enfurecida  
 Do potente Varaõ a dextra clara,  
 Por salvar o Monarcha recebêraõ  
 Duros golpes, que as frentes lhes fendêraõ.

Nes-

## XXIII.

Neste estado das armas Castellhanas  
 Os primeiros furores moderados,  
 Já da prudencia idéas mais humanas  
 Occupavaõ do Principe os cuidados;  
 Quando lá nas cavernas mais tiranas  
 Da esfera opaca em termos indignados,  
 O Monarcha das sombras furioso  
 Amotinava o reyno tenebroso.

## XXIV.

Ouvido havia, que do fado eterno  
 Destinada se achava a Lusa gente,  
 Para vencer as sugestoens do Inferno,  
 No coração da mesma Libia ardente,  
 Que extenderia o zêlo sempiterno  
 A's mais remotas partes do Oriente,  
 E que em todos os climas o seu braço  
 Cortaria do Abismo o torpe laço.

## XXV.

Temendo taes successos, e lembrado  
 Das antigas injurias, que soffrêra,  
 Quando o filho de Henrique aquelle estado  
 Com celestes brazoens ennobrecêra,  
 E dedicando a Christo altar sagrado,  
 As aras de Mafôma esfeurecêra,  
 Com voz horrenda as margens do Cocito  
 Abalava nos eccos deste grito.



## XXVI.

He possivel, dizia, que taõ pouco  
 Zéle a Curia Tartaria o seu dominio,  
 Que no letargo de hum descaço louco  
 Veja crescer dos Lusos o designio?  
 Ignora, repetia o brado rouco,  
 Ignora por ventura o Vaticinio,  
 Que promete ao valor destes mortaes  
 A ruina dos cultos infernaes?

## XXVII.

Quando espera evitar o triste damno,  
 Que ameaça do Abismo a Monarchia,  
 Se na torpe illusaõ de hum cego engano  
 Despresa agora aquella profecia;  
 Quer ver primeiro o braço Lusitano  
 Profanar o Alcoraõ a idolatria,  
 Vencer os Mouros, dominar as gentes,  
 E fazer do Evangelho as leys patentes?

## XXVIII.

Quer ver primeiro as Quinas Portuguezas  
 Tremolar sobre as costas Mauritanas,  
 Render do Malabar as fortalezas,  
 Opprimir as Potencias Indianas?  
 Elpera ver primeiro as estranhezas  
 Do mundo occulto, expostas ás tiranas  
 Conquistas destes feros inimigos,  
 A quem domar naõ podem os perigos?

Se



## XXIX.

Se tanto espera a torpe paciência  
 Dos genios infernaes, em que assegura  
 A esperança do Abismo á presistência  
 Do dominio, que affecta a sombra escura?  
 Se não póde na mesma decadência  
 Contrastar o valor da Lilia dura,  
 Como espera depois em outro estado  
 Impedir-lhe os progressos do seu fado?

## XXX.

Mas que digo não póde? Não são estes  
 Aquelles mesmos genios orgulhosos,  
 Que a pesar dos Espiritos celestes,  
 Perturbárao os reynos luminosos?  
 Não sois vós proprios, os que já quizestes  
 Ao mesmo Deos, com zêlos furiosos,  
 Disputar igualdades na grandeza,  
 No poder, no valôr, na fortaleza?

## XXXI.

Pois como agora soffrereis, que ufanas  
 Dos miseros mortaes as ousadias  
 Tanto cresçaõ, que em maquinas insanas  
 Ameacem do Averno as regalias?  
 Cedereis vós ás pertençaens humanas?  
 Vós, que ás mesmas celestes Jerarquias  
 Rezististes com furias arrogantes,  
 Quanto mais infelices, mais constantes?

Ah!

## XXXII.

Ah ! não se perca aquelle nobre alento,  
 Que nos fez emprender acçoens taõ raras;  
 Se o fado ordena o nosso abatimento,  
 O nosso ardor lhe frustre as leys avaras:  
 Não julgue dos mortaes o pensamento  
 Indignas do seu culto as nossas aras,  
 Vendo a nossa arrogancia assim sujeita  
 Dos impios fados á medida estreita.

## XXXIII.

Se o destino fatal dos Lusitanos  
 Ameaça do Abismo a decadencia,  
 Na sabia prevençã dos tristes danos  
 Consiste a melhor parte da prudencia:  
 Dissipem-se presagios taõ tiranos,  
 Em quanto susto saõ, não evidencia,  
 Que depois de sentir o golpe duro,  
 Tarde vêm o remedio, e mal seguro.

## XXXIV.

Os Lusitanos hoje reduzidos  
 Estaõ á mais fatal calamidade,  
 Sem governo, sem Rey, já defunidos  
 No ponto essencial da auctoridade,  
 Alguns, que mais constantes, e atrevidos  
 Intentaõ sustentar a liberdade,  
 Em Lisboa cercados mal resistem  
 Aos Hiberinos, que no cerco insistem.

Agora

## XXXV.

Agora , mais que nunca , a nossa furia  
 Tem lugar de opprimir estes mortaes ,  
 No seu funesto estrago a nossa injuria  
 Recompense as vinganças mais fataes ;  
 Evite o zêlo da Tartaria Curia  
 O motivo dos sustos infernaes ,  
 E vingando passadas insolencias ,  
 Acautele do fado as contingencias.

## XXXVI.

Anime o nosso ardor as mal seguras  
 Confianças das Tropas Hiberinas,  
 Facilite-lhe os meynos das mais duras  
 Emprezas , das acçoens mais peregrinas ;  
 Ministre-lhe as idéas das escuras  
 Traiçoens para instrumento das ruinas ,  
 E ou por força das armas , ou do engano  
 Se lhe sujeite o Ceptro Lusitano.

## XXXVII.

Em quanto assim fallava o furioso  
 Imperador das sombras indigestas ,  
 Hum confuso ruido pavoroso ,  
 Que affustava as abobedas funestas ,  
 Alterava o congresso tenebroso  
 Com torpe som , com inflexoens molestas ,  
 Athé que socegada a triste sala ,  
 Se levanta Asmodem , e assim lhe falla.

## XXXVIII.

Não cuides não, Luzbel, que só tu zelas  
 As altivas emprezas deste Estado,  
 Ou que só tu no risco te desvelas,  
 Que lhe ameaça a ley do duro fado:  
 Iguaes são em nós todos as cautelas,  
 Igual he o interesse do cuidado;  
 E se pôde no empenho haver excessão,  
 Em mim tem mais lugar neste congressão.

## XXXIX.

Eu fui por maõ suprema largos annos  
 Ligado sobre as terras do Oriente,  
 E na lembrança dos passados damnos  
 Cresce o motivo do temor presente:  
 Eu sei quanto devemos os tyranos  
 Vaticinios temer da Lusa gente;  
 Mas o susto cruel, que me consome,  
 Não vem do seu valor, ou do seu nome.

## XL.

Dos auxilios do Céu, que lhe affigura  
 A Ley, que seguem com zeloso rito,  
 Temo os effeitos, cuja força dura  
 Mal pôde contrastar todo o Cocito:  
 A razaõ de Christãos he quem apura  
 Todo o odio fatal, com que me irrito;  
 E de todo o Christão da mesma sorte,  
 Desejo-a perdição, o damno, a morte.

## XLI.

Se o Trono Lusitano conquistado  
 Fosse por gente de diversa feita,  
 Seria todo o Abismo interessado  
 Em ver a Lísia a outra ley sujeita;  
 Mas sendo o Rey de Hespanha entronizado  
 Igualmente christão, de que aproveita  
 Esta mudança, se do mesmo modo  
 Há de ficar christão o reyno todo.

## XLII.

Que razãõ de interesse, ou de esperanza  
 Nos pôde unir ás gentes Hiberinas?  
 Temos mais certa a sua confiança?  
 Saõ menos parciaes das leys Divinas?  
 Taõ depressa te fogem da lembrança  
 Os passados estragos, e ruinas?  
 Acaço os Hespanhoes no teu conceito  
 Menos christãos agora se tem feito?

## XLIII.

Eu, responde Luzbel, eu aborreço  
 Igualmente Hespanhóes, e Lusit nos;  
 Mas estes temo mais, porque conheço  
 Que nos podem causar maiores danos:  
 Elles saõ abonados, com excesso,  
 Pelo Chêfe dos Numes soberanos;  
 Elles tem a promessa das emprezas,  
 Que affustaõ deste Abismo as fortalezas.

Este

## XLIV.

Este risco funesto he que pertendo  
 Evitar na ruina, que preparo  
 Ao Luso Imperio, com que fique sendo  
 Frustrada a intenção do fado avaro;  
 Pois se os Lusos Monarchas do tremendo  
 Vaticinio, instrumento haõ de ser claro,  
 Extincta a Monarchia Lusitana  
 Inutil fica a predicção tirana.

## XLV.

Ide, O! meus companheiros, igualmente  
 Companheiros na pena, e nos projectos,  
 Ide, e nesses mortaes, tiranamente  
 Fulminai os estragos mais completos;  
 Parte anime o valôr da Hiberia gente,  
 Parte defuna os Lusos nos affectos;  
 E na civil discordia, e guerra dura  
 Padeça a Lisia perdição segura.

## XLVI.

Disse, e naõ bem de todo articuladas  
 Estas vozes seriaõ, quando em furia  
 As potencias do Averno amotinadas  
 Se atropelavaõ na Tartaria Curia;  
 De maligno furor arrebatadas  
 Qualquer demora julgaõ grave injuria,  
 E cada qual nas mostras da fereza  
 Parece ser auctor da triste empreza.

Quaes

## XLVII.

Quaes na Praça fechada os valorosos  
Soldados do presidio, a quem desperta  
O rumor dos tambores clamorosos,  
Dos inimigos na noticia certa,  
A's armas correm todos cuidadosos,  
Cada qual já na mão o ferro aperta,  
E cada qual pretende fer primeiro  
Nas nobres provas do valôr guerreiro.

## XLVIII.

Taes os genios do Abismo enfurecidos  
Do Principe infernal pelos clamores,  
Correndo vão em chusma confundidos,  
Toda a funesta estancia dos horrores;  
Atrôão todo o Averno com bramidos,  
Com desordens, ruidos, e terrores,  
Athé que franqueada a porta escura,  
Sobre a terra se avança a tropa impura.

## XLIX.

Agora ó Muza, tu, a quem presente  
O grande caso foi, conta o progresso  
Daquella expedição, mostra patente  
Toda a serie fatal deste successo,  
Declara dos mortaes, e juntamente  
Dos immortaes furores o processo;  
Porque entre nós apenas das victorias  
Existem mal distinctas as memorias.

Era

## L.

Era o meio da noite ; a sombra espessa  
 Cobria toda a face do Emisferio ,  
 E Morfêo nas lisonjas , que professa  
 Dilatava na terra o doce Imperio ;  
 Dormia o Rey Hiberio ; mas impressa  
 Na triste idéa a dor do vituperio  
 Das suas armas ; nem no mesmo somno  
 Podia ter de algum socego abono.

## LI.

Mil confusas imagens fatigavaõ  
 Do bellicoso Rey a fantasia ,  
 E com vans illusoens lhe motivavaõ  
 Ora torpe pavôr , ora ousadia ;  
 Mas quando mais frequentes se mostravaõ  
 Os varios sonhos na mortal porfia ,  
 Huma das Furias do tirano Averno  
 Se lhe apresenta ao sentido interno.

## LII.

Do vulto se reveste de Fernando ,  
 Defunto Rey da Lusitana terra ,  
 Nas razoens da alliança auctorizando  
 O falso zêlo , que o portento encerra ,  
 E com gesto feroz , como accusando  
 Os frouxos passos da cançada guerra ,  
 Com a maõ lhe estremece o corpo todo ,  
 E lhe falla depois por este modo.

Desper-



## LIII.

Desperta, descuidado Rey, desperta  
Do letargo fatal, que te sepulta,  
Não queiras de huma injuria descoberta  
Soffrer a mancha, que o teu fusto avulta:  
Senhor es de este Estado; a pena certa  
Não dilates ao reyno, que te insulta;  
Córte hum golpe valente os feros laços,  
Que a teu direito servem de embaraços.

## LIV.

Acordou de pavor estremecido  
O enganado Rey; mas brevemente,  
Julgando-se do Céu favorecido,  
O fusto troca em presumpção valente:  
Da causa salta, e logo enfurecido  
As armas busca, corre diligente  
A chamar os soldados, e no aspecto  
Traz impresso o furor da infame Alestio.

## LV.

Em tanto das estrellas se apagava  
A sinitilante luz, e no Oriente  
Já da Aurora o fulgor annunciava  
A chegada do Sol resplandecente:  
A conselho de guerra se tocava  
Na regia tenda, aonde promptamente  
O Rey o caso expõem, e furioso  
Jura seguir o aviso rigoroso.

## LVI.

A voz de Rey nos Capitaens accende  
 O bellicoso ardor, e nos soldados  
 A noticia, que a todos já se estende  
 Do portento fatal os faz ousados;  
 Cada qual instrumento ser pertende  
 Do supremo destino, e em taes cuidados  
 Cresce de fórte o cego fanatismo,  
 Que bem abona as intençoens do Abismo.

## LVII.

E naõ só na vulgar credulidade  
 Reina a superstição, já na grandeza  
 Se devisa a pesar da auctoridade  
 A propensão da fragil natureza;  
 Mil senhores, da fórte a variedade  
 Já desprezaõ do sonho na firmeza,  
 E tal há, que na fé daquelle aviso  
 Qualquer demora julga prejuizo.

## LVIII.

Hum destes he o Conde de Barcellos  
 Illustre Cavalleiro Lusitano,  
 A quem de hum falso zêlo, vaons desvelos  
 Tinhaõ levado ao campo Castelhana;  
 Era Irmaõ da Raynha, e parallellos  
 Fazendo do dever, com torpe engano,  
 Antepoz dos parentes a amizade  
 A patria natural fidelidade.

Este

## LIX.

Este pois, dos direitos de Castella  
 Acerrimo fauctor, agora entende  
 Abonada dos Céos a causa della  
 Nos avisos, que o sonho dar pertende;  
 E tanto neste empenho se desvela  
 A favor do seu voto, que defende  
 Ser delicto de grave qualidade,  
 Dilatar o castigo da cidade.

## LX.

Outros muitos aquelle empenho duro  
 Abonavaõ do Conde, ou porque fosse  
 Igual nelles o mesmo engano escuro,  
 Ou por effeito da lisonja doce;  
 Mas, ou fosse sincero, ou menos puro,  
 O voto destes faz, que tanto engrosse  
 Aquella opiniaõ, que no conselho,  
 Só se atreve a impugna-la hum sabio velho.

## LXI.

Valasco, o velho illustre se appellida,  
 Que o contrario sentir defende ousado;  
 Porque prefere a gloria esclarecida  
 A qualquer pensamento interessado,  
 E vendo no conselho introduzida  
 A fatal illusaõ, e confirmado  
 O engano do Rey pelos Ministros,  
 Com pareceres leves, ou finistros.

Largan-

## LXII.

Largando o nobre assento, que lograva  
 No militar congresso, a beneficio  
 Dos illustres empregos, que occupava,  
 Ou da paz, ou da guerra no exercicio,  
 De joelhos ao Rey se apresentava,  
 E mostrando de dôr não leve indicio,  
 Principia a dizer-lhe desta fórte  
 Com animo fiel, constante, e forte.

## LXIII.

Antes, Senhor, que a nobre liberdade  
 Da minha fé te offenda, aqui prostrado  
 A teus pés, da fatal temeridade  
 Eu mesmo a pena espero, e peço ousado;  
 Mas nunca o Céu permitta, que a verdade  
 Dissimule o meu peito, ou que enganado  
 De huma lisonja vil, queira servir-te  
 Pelos meios indignos de illudir-te.

## LIV.

Os sonhos, meu Monarcha, não são mais;  
 Que huma breve illusão da fantasia,  
 Que crê sentir presentes, e reaes  
 Chimeras, que ella mesma inventa, e cria  
 E se houve alguns, que os termos naturaes  
 Excederaõ, talvez já mais seria  
 Sem misterio maior, e não devemos  
 Crer desta classe, quantos sonhos temos.

Mas

## LXV.

Mas ainda que julguemos o teu sonho  
 D'outra esfera, Senhor, dos ordinarios,  
 Nem por isso os effeitos lhe supponho  
 Infalliveis, ou menos temerarios;  
 Pois do Céu igualmente, e do medonho  
 Centro dos fingimentos vaons, e varios  
 Póde ser triste engano, ou santo aviso  
 Em favor nosso, ou nosso prejuizo.

## LXVI.

Quem sabe se a suprema Providencia  
 Abona a nossa causa com tal zêlo,  
 Que devámos á sua Omnipotencia  
 Hum tão distincto, e singular desvelo;  
 Ou se irritada a sua paciencia  
 Do nosso orgulho vaõ, para abatelo  
 Permitta, que com falsas illusoens  
 Se confundaõ as nossas ambiçoens.

## LXVII.

Ninguem, Senhor, com certa segurança  
 Póde afirmar a causa deste effeito,  
 E nesta confusaõ, qual esperança  
 Póde tirar de hum sonho o teu conceito?  
 Crê-me, meu Rey, a céga confiança  
 Não he valor; que o nobre ardor do peito  
 Não procede de hum erro temerario,  
 Mas de hum constante esforço extraordinario!

## LXVIII.

Sobre os firmes principios da prudencia  
 Não de fundar-se as nobres ousadias,  
 E nos eccos da propria consciencia  
 Se há de escutar a voz das profecias;  
 Se aquella nos clamores da innocencia  
 Abona a causa das promessas pias,  
 Podemos justamente acredita-las,  
 Animar-nos com ellas, espera-las.

## LXIX.

Mas se acaso, Senhor, nossos projectos  
 Não tem por base a força da justiça,  
 Se são nascidos de mortaes affectos  
 D'ambição, d'interesse, ou de cobiça;  
 Devem nossos discursos circunspectos  
 Mais temer, que esperar, com fé submissa;  
 Que o Céu he sempre justo, e não premeia  
 Com seguranças injustiça feia.

## LXX.

Não duvido, Senhor, que justamente  
 Pertendes o dominio deste Estado;  
 O direito do sangue claramente  
 Socega nesta parte o meu cuidado:  
 Estes meios porém, de que impaciente  
 Se serve o teu valor precipitado,  
 Não sei se são da mesma sorte puros,  
 Inculpaveis, decentes, e seguros.

## LXXI.

Tu bem sabes, Senhor, e muitas vezes  
Eu to tenho lembrado, que juraste  
De não entrar nos Reynos Portuguezes  
Com maõ armada, como agora entraste;  
E por mais, que a lisonja nos cortezes  
Applausos, encareça o bem, que obraste,  
Temo, Senhor, que o Céo mal satisfeito,  
Não figa das lisonjas o conceito.

## LXXII.

Mas seja como for, em toda a guerra  
He sempre incerto o fim, e só seguro  
O trabalho, a despeza, e quanto encerra  
O triste nome de perigo duro;  
E sendo facil, se a razaõ não erra,  
Evitar tanto mal, e com mais puro  
Arbitrio, conseguir o teu intento,  
Creio, que deves pondera-lo attento.

## LXXIII.

Os Portuguezes mais apaixonados  
Pelos foros da patria liberdade,  
Não disputaõ, Senhor, os bemfundados  
Direitos, que te assistem na verdade;  
Duvidaõ só, na fé dos seus tractados,  
Conferir-te a suprema auctoridade;  
Porque julgaõ não ser completo ainda  
O tempo, e condiçoens da tua vinda.

## LXXIV.

Anima o povo nestes sentimentos  
 O Grao Mestre de Aviz, que se appellida  
 Defensor da Nação, e pensamentos  
 Tem certamente de ambição crescida,  
 Mas a mesma ambição, que os seus intentos  
 Encaminha á grandeza appetecida,  
 Póde servir, se acaso a lisonjeas,  
 De meio facil para o fim, que idéas.

## LXXV.

Comette-lhe, Senhor, benignamente  
 O governo da Lusá Monarchia,  
 Com condição, que em fórma competente  
 Te jure o Reyno a fe, que te devia;  
 Pois satisfeita assim completamente  
 A queixa da Nação, sem mais porfia,  
 Elle póde ficar grande na terra,  
 Tu Senhor della sem rumor de guerra.

## LXXVI.

Mais quizera dizer o velho illustre;  
 Mas não lho soffre o Rey enfurecido,  
 Que julga tal arbitrio ser destlustre  
 Do decóro do Solio esclarecido:  
 Calar o manda, e porque não se frustre  
 Dos outros Capitaens o ardor luzido,  
 O conselho despede, ao campo passa,  
 Iras fulmína, estragos ameaça.

Haviaõ



## LXXVII.

Haviaõ neste tempo os sitiados  
 Lançado da Cidade huma partida  
 De poucos Cavalleiros, mas usados  
 A desprezar a morte embravecida;  
 E sendo pelo Rey examinados  
 Do alto, que Olivete se appellida,  
 A elles grita, a elles, que traidores  
 Se atrevem deste modo a seus Senhores.

## LXXVIII.

Qual na dura montanha o vigilante  
 Pastor, que avista os lobos furiosos,  
 Grita, corre, e se vê no mesmo instante  
 Seguido dos rafeiros cuidadosos:  
 Tal no campo Hiberino, ao arrogante  
 Brado do Rey acodem valorosos  
 Os Principes, os Grandes, os Privados,  
 Os Capitaens, os Guardas, os Soldados.

## LXXIX.

-Valasco aqui primeiro se apresenta  
 Ao lado do seu Rey com brio forte,  
 E no semblante alegre representa  
 Dominar o rigor da dura forte;  
 Elle anima os soldados, elle alenta  
 Os Capitaens a desprezar a morte;  
 Porque têm, ou no campo, ou no conselho  
 Valor de moço, discriçaõ de velho.

## LXXX.

O Conde de Barcellos acompanha  
 Valasco no valor, senão no acerto,  
 E quer mostrar agora na campanha  
 Abonado o seu voto por experto:  
 Outros muitos Varoens da clara Hespanha  
 Promptos se ostentão ja no campo aberto;  
 E cada qual na gloria deste dia  
 Pertende disputar a primazia.

## LXXXI.

Em tanto o campo todo visitava  
 Occulta a Furia do funesto Averno;  
 E nos peitos vulgares inspirava  
 Cruéis impulsos de rancôr eterno;  
 Mas vendo, que a marchar já se tocava,  
 Tomando de hum Trombeta o vulto externo,  
 Ella faz o final, e o som tirano  
 O Luso affusta, ânima o Castelhana.

## LXXXII.

Difunde-se o furor do genio impuro  
 Por todo o arraial alvoraçado,  
 Desce o Rey furioso o monte duro,  
 Corre ao combate intrepido o soldado,  
 Não menos, que escalar o Luzo muro  
 Promette cada qual com voto irado,  
 E já sobre os despôjos da Cidade  
 Se lifonjêã a militar vaidade.

Denfa

## LXXXIII.

Densa nuvem de pó caliginoso  
Precede á marcha da soberba tropa ;  
Dos gritos o ruido pavoroso  
O monte atroa , na Cidade topa ;  
Alterna o som das armas bellicoso  
O estrepito do bruto , que galopa ,  
E corresponde em competencia horrenda  
O som mais fero a vista mais tremenda.

## LXXXIV.

Firme esperava tantos ameaços  
A pequena partida Lusitana ,  
Que rompendo do muro os embaraços ,  
Insultava a braveza Castelhana ;  
Mas bem , que a força dos robustos braços  
Algum tempo dilata a furia infana ;  
Em fim a multidaõ impetuosa  
Atropella a constancia vigorosa.

## LXXXV.

Cede o Luso valor ao peso horrendo  
De tantas armas , tantos inimigos ,  
E já com triste assombro vai perdendo  
O nobre orgulho dos trofeos antigos :  
Insta o Rey furioso , encarecendo  
Ora premios aos seus , ora castigos ,  
E nos exemplos de hum ardor bem raro  
Lhe dá o documento mais preclaro.

## LXXXVI.

A presença do Rey faz mais ufana  
 A gente militar, a quem no peito  
 Da trombeta infernal a voz tirana  
 Augmenta do furor o cego effeito;  
 Já não resiste a gente Lusitana,  
 Já perde de invencível o conceito,  
 Já desampara o campo, já se abriga  
 A' sombra forte da muralha amiga.

## LXXXVII.

Já são pelo exercito arrogante  
 Mil alegres clamores de victoria,  
 Valasco ousado clama *avante avante*,  
*Que he nossa a Praça, nossa toda a gloria,*  
*Avante, avante*, clama triunfante  
 O Conde de Barcellos, *que a notoria*  
*Affistencia dos Céos já me franqueia*  
*A propria casa, que julguei alheia.*

## LXXXVIII.

Em tanto de huma torre da Cidade  
 Observava João todo o conflicto,  
 E na fé da constante heroicidade  
 Enchia de esperança o peito invicto,  
 Mas vendo já com tanta claridade  
 Dos Lusitanos o desmayo afflicto,  
 Da torre desce, corre a soccorrelos  
 Taõ ousado, que a Marte dera zêlos.

Chega

## LXXXIX.

Chega ás portas, aonde a vergonhosa  
 Desordem vê dos seus mais descoberta,  
 Buscando cada qual com pavorosa  
 Fugida salvaçãõ na porta aberta:  
 Em vãõ quer animalos; na medrosa  
 Confusaõ a ouvir ninguem acerta,  
 Nada vale o exemplo, nada as vozes,  
 Cada vez vem fugindo mais velozes.

## XC.

Em generosas iras abraçado  
 O coraçãõ do Heróe chamas exala,  
 Parece cada açãõ hum raio irado,  
 Cada voz hum trovaõ, que horrendo estala.  
 Elle só resistir pertende ousado  
 A'quella multidaõ, que a terra abala;  
 Mas com tal desacordo os seus fugiaõ,  
 Que as mesmas largas portas impediaõ.

## XCI.

Promessas, ameaços, e castigos  
 Inutil tudo he, de balde grita,  
 De balde os brios lhes recorda antigos,  
 De balde contra o seu temor se irrita.  
 Quer sahir, mas o zêlo dos amigos  
 Os ardentes projectos lhe limita,  
 Mostrando, que não pôde expór ousado  
 Huma vida, de quem depende o estado.

Susten-

## XCII.

Suspendeo-se ; mas vendo , que presiste  
 A desordem fatal na Lusa gente ,  
 De quem todo o cuidado só consiste  
 No refugio das portas indecente ;  
 Com semblante feróz , com gesto triste ;  
 Repellindo os primeiros vivamente ,  
*Vós fereis bons* , lhe grita , *sem vontade* ,  
*Que o mesmo visco vos dará bondade.*

## XCIII.

Isto dizendo com feróz semblante ,  
 A' dura porta applica a mão robusta ;  
 Que com ruido horrendo , e dissonante ;  
 Ao costumado fecho em fim se ajusta :  
 Tremeo parte do muro vacillante  
 Ao impulso fatal da dextra augusta ,  
 E ficáraõ no campo os Lusitanos  
 Contra todo o poder dos Castelhanos ;

## XCIV.

He talvez nos extremos do perigo  
 Algum socorro a falta de esperança ;  
 Menos temem os Lusos o inimigo ,  
 Frustrada da muralha a segurança :  
 Já revestidos do valor antigo ,  
 Aguardaõ vigorosos sem mudança ;  
 Dos Hespanhoes as forças formidaveis ;  
 Que antes tinhaõ julgado incontrastaveis.

Pereis

## XCV.

Pereira, que a partida governava,  
Cavalleiro de espirito arrogante  
A quem contra vontade atropellava  
A confusaõ da turba vacillante,  
Vendo agora, que a gente se mostrava  
Já menos pavorosa, ou mais constante,  
*Volta, volta*, lhe grita com voz solta,  
E sobre os Hespanhoes ousado volta.

## XCVI.

Recobraõ neste tempo os Lusitanos  
O Marcial alento já perdido,  
Ferozes tornaõ sobre os Castelhanos  
A deshonra a vingar de haver fugido;  
Mas naõ menos ardentes os Hispanos  
Seguros já na fé de haver vencido,  
Instaõ com furia, ferem com violencia,  
Julgando que obraõ já sem resistencia.

## XCVII.

Vinha na frente do esquadraõ contrario  
De Santiago o Mestre esclarecido,  
Cavalleiro gentil, mas temerario,  
De forças naõ vulgares presumido:  
Gritando vinha com desprezo vario  
Injurias mil; mas quando mais subido  
Na vangloria se mostra, entaõ Pereira  
De hum golpe o fez rodar pela ladeira.

Em

## XCVIII.

Em defenza do Mestre hum Cavalleiro  
 Da mesma insignia corre valoroso ;  
 Mas foi-lhe só na sorte companheiro  
 Ferido de outro golpe furioso ;  
 Segundo vai , e vai tambem terceiro  
 Accrescentar o caso lastimoso ,  
 Que Pereira feroz não se dilata ,  
 Cada golpe , que dá , ou rende , ou mata ,

## XCIX.

Nem menos cobiçozos de vingança  
 Se mostraõ varios outros Portuguezes ;  
 Alli corre Pavêdo sem tardança ,  
 Martins alli se illustra muitas vezes :  
 Rompendo Almeida vai com segurança  
 Cabeças , peitos , murrioens , e arnezes ;  
 Mas saõ tantos no campo os Castelhanos ,  
 Que não sentem da falta os graves damnos.

## C.

Atêa-se outra vez a chama viva  
 Do fogo Marcial naquelle instante ,  
 Qual das cinzas renasce mais activa  
 A faisca talvez pouco importante :  
 Anima ao Luso a raiva vingativa ;  
 O poder ao Hespanhol faz arrogante ,  
 E cada qual ardendo em ira pura ,  
 Ou vencer , ou morrer alli procura.

Contar



## CI.

Contar daquelle dia os casos varios ;  
Os encontros crueis , os golpes fortes ;  
Os estragos fataes , os temerarios  
Excessos da vingança , as duras mortes ,  
Os effeitos da raiva extraordinarios  
Executados por diversas fortes ,  
Só tu Musa , que tudo tens presente,  
Poderias fazelo dignamente.

## CII.

Tocava o Sol já quasi desmayado  
Os liquidos cristaes de Thetis fria ;  
E das sombras do monte levantado  
A visinha campanha se cobria ;  
Acabava-se o termo assignalado  
Ao brilhante esplendor do claro dia ;  
E durava no campo infatigavel  
A furia de matar infaciavel.

## CIII.

Naõ canção de ferir os fortes braços ;  
Naõ cessaõ de irritar-se os odios duros ;  
A fêra raiva alenta os membros lallos ;  
Sustenta a ira os peitos mal seguros :  
Cada vez da porfia os tristes laços  
Nos bravos coraçãoes se vêm mais puros ;  
E só a noite escura , que os divide ,  
Aparta , e naõ decide a dura lide.

## CIV.

A noite escura em fim, o termo assigna  
 Da contenda fatal, e porfiada,  
 Sem que alguma das partes seja digna  
 De cantar a victoria desejada:  
 Providencia da sorte foi benigna,  
 Faltar a luz, que a ser mais dilatada,  
 Faltariaõ talvez nos dois partidos  
 Quem fossem vencedores, quem vencidos.

FIM DO CANTO II.





*fas gentes, que a elle vierão, ou commerciar, ou conquistar: falla dos Fenicios, dos Carthaginezes, e dos Romanos, e na guerra destes refere a gloria de Viriato, e de outros varoens Lusitanos: falla tambem de algumas Heroínas Portuguezas, e conta o trágico successo da infeliz Osmia. Prosegue a historia de Portugal até o tempo de Augusto, e depois deste, havendo pouca materia para os fastos militares, falla o Heróe da mudança da Religiaõ. Conta a introducção do Christianismo, a constancia de alguns Martyres Portuguezes desde Nero até Constantino, e a pureza do culto até Honorio. Refere a invasão dos Barbaros no tempo deste Imperador. Falla dos Hunos; dos Silingos, dos Suezos e dos Godos, que ultimamente se fizeram Senhores das Hespanhas. Trata dos amores d' El Rey D. Rodrigo com Florinda filha do Conde Juliaõ; das injurias feitas a esta Dama por aquelle Principe, da entrada deste na famosa Torre de Tolledo, e da tradiçãõ dos portentos, que alli vio. Relata a perfida vingança do Conde, e a introducção dos Mouros na Hespanha, batalha de Guadalete, perda de El Rey D. Rodrigo, e total ruina do Imperio dos Godos.*



# A LIBERDADE

## CANTO III.

**R**etirados do campo os combatentes  
 Igualmente cansados, naõ vencidos,  
 No socego procuraõ diligentes  
 Repouso dar aos membros opprimidos:  
 Do doce somno os mimos innocentes  
 Logravaõ já das iras esquecidos,  
 E nas tendas do campo, e na cidade  
 Se observava geral tranquillidade.

F

Mas

## II.

Mas o grande Joã, que o nobre peito  
 Com mais altos cuidados occupava,  
 E dos riscos da patria no conceito,  
 Entre mil pensamentos fluctuava,  
 Não sentia do sômnio o brando effeito,  
 Nem seu suave alivio aproveitava,  
 Antes nas horas, em que os mais dormiaõ,  
 Mais agudos desvelos o feriaõ.

## III.

Mandára no principio desta guerra,  
 Por cautella maior, mais segurança,  
 Revalidar no reyno de Inglaterra  
 A nobre fé da antiga confiança;  
 Mas postoque alcançou naquella terra  
 Renovar huma sólida aliança,  
 Não tinha produzido este Tractado:  
 O soccorro de gentes desejado.

## IV.

Apenas alguns poucos Cavalleiros  
 Passado tinhaõ desta parte os mares,  
 Em qualidade mais de aventureiros,  
 Do que em fôrma de tropas regulares;  
 Mas destes mesmos poucos companheiros  
 Lograva distincçoens particulares,  
 Hum delles, que Monferro se appellida  
 Cavalleiro de fama esclarecida.

Com

## V.

Com este largamente conferido  
 Tinha Joaõ da noite a melhor parte,  
 Ora sobre o soccorro appetecido,  
 Ora sobre questoens do irado Marte;  
 E depois quasi já de haver medido  
 O termo, com que a noite se reparte,  
 Por divertir occupaçoens taõ serias  
 Tratavaõ variamente outras materias.

## VI.

Dos Imperios do mundo mais florentes,  
 Das acçoens mais illustres dos passados,  
 Dos varios usos das Naçoens presentes,  
 Estranhas leys, costumes encontrados,  
 Do traje, e lingua de diversas gentes,  
 Dos modos de viver mais apartados,  
 E de outras cousas taes, de que a noticia  
 Serve aos ouvidos cultos de delicia.

## VII.

Era experto Monferro, e viajára  
 Largos paizes desde a tenra idade,  
 Onde varios estilos observára,  
 Ouvira relaçoens da antiguidade;  
 E depois que de algumas informára  
 Ao nobre Defensor com claridade,  
 Eu desejo, lhe diz, se vos naõ pesa,  
 Que me informeis da Historia Portugueza.

## VIII.

Mas quizera , se o tempo o permittisse,  
 Os principios saber da gente Lusa,  
 Qual antiga Nação a produzisse,  
 Se he propria do paiz , se foi intrusa,  
 Se na sorte das armas foi felice,  
 Que Reys tem tido , os Capitaens , que accusa,  
 Os grandes casos , e as facçoens de espanto,  
 Se póde em breve historia caber tanto.

## IX.

Eu contarei , o Defensor responde ,  
 De tudo brevemente alguma parte,  
 Bem que a minha instrucção não corresponde  
 Aos desejos , que tenho de agradar-te:  
 Muita luz das historias se me esconde,  
 Pois mais , que ás Musas , servi sempre a Marte,  
 Mas do pouco , que fei como soldado,  
 Te farei hum compendio abreviado.

## X.

Os principios de todos os Estados  
 Saõ cobertos de fabulas grosseiras,  
 Que a distancia dos annos dilatados  
 Desfigura as noticias verdadeiras;  
 Taes saõ no meu conceito os celebrados  
 Principios deste Reyno , em que as primeiras  
 Illusoens dos antigos confundiraõ  
 Os successos , com sonhos , que fingiraõ.

Anti-



## XI.

Antiga tradiçãõ nos assegura,  
Que Tubal, de Noé notorio neto  
Deu á nossa Naçãõ origem pura,  
De quem guarda Setuval o epiteto;  
Mas nos longes do tempo he taõ escura  
Aquella fama, que ainda o mesmo affecto  
Da gloria nacional naõ sei se obriga  
A defender noticia taõ antiga.

## XII.

Da mesma sorte deixo na incerteza  
Da fé devida, alguns Heróes famosos,  
De quem se diz, que a terra Portugueza  
Foi theatro de empenhos gloriosos;  
Taes saõ os Geryoens, tal julgo a empreza  
Dos Osiris, dos Hercules zelosos,  
Por mais, que se acreditem na porfia  
Dos Ozorios, da Torre, e da Geria.

## XIII.

Nem mais abono dos primeiros annos  
Os Monarchas merecem nacionaes,  
Os Iberos, os Brigos, os Hispanos,  
Os Tagos, os Sicoros, e outros taes;  
Mas aquellas verdades, ou enganos  
A toda a Hespanha vem a ser geraes;  
E o tempo breve apenas me consente  
As memorias contar da minha gente.

Em

## XIV.

Em Luso, ou Lísias filho, ou companheiro  
 Do fabuloso Deos da antiga Niza,  
 Pertendem mil memorias, que o primeiro  
 Nome dos Lusos claro se diviza:  
 Constante tradiçã no Reyno inteiro  
 Desta noticia a fama immortaliza;  
 Mas com tudo não sei se este conceito  
 He só da analogia hum puro effeito.

## XV.

Foi grande a confusã daquella idade,  
 Saõ poucos, ou nenhuns os monumentos,  
 Em que possaõ firmar-se da verdade  
 Seguramente os nobres fundamentos;  
 E quanto mais remota antiguidade,  
 Nos convida com raros documentos,  
 Tanto mais duvidosa se descobre  
 Da primitiva gente a origem nobre.

## XVI.

O que tenho por certo he que os Fenícios,  
 Povos bem conhecidos nas historias,  
 Buscando do commercio os beneficios,  
 Estas praias fizerõ mais notorias;  
 Nellas gentes, costumes, e edilícios  
 Deixáraõ por Padroens de eternas glorias,  
 E do fructo ta'vez, que alli acháraõ  
 O nome da Provincia fabricáraõ.

Estes

## XVII.

Estes das letras sabios inventores,  
E naõ menos nas armas instruidos,  
Foraõ talvez os nobres precursores  
Dos Lusitanos Capitaens luzidos;  
Mas sendo nos projectos domadores  
Pelas Punicas gentes succedidos,  
Estas foraõ, depois, com proprio damno,  
Quem fez mais claro o nome Lusitano.

## XVIII.

Porque depois de haver, por varias vezes,  
Provado com seu risco, o braço forte,  
O peito firme, os brios Portuguezes,  
As duras armas, o valente córte,  
Souberaõ conseguir com seus cortezes  
Tratamentos, ganhalos de tal sóрте,  
Que nas guerras fataes, que entaõ tratáraõ  
Sempre os Lusos fieis os ajudáraõ.

## XIX.

Já nas terras visinhas de Carthago;  
Já na fertil Trinacria, e na ruina  
Dos vassallos de Venus, cujo estrago  
Horror da falsa Deusa se imagina;  
Já nos riscos do mar incerto, e vago,  
Que frequentava a gente peregrina,  
Foraõ sempre os pendoens Carthaginezes  
Sustentados dos braços Portuguezes.

Mas

## XX.

Mas onde com mais risco, e maior gloria  
 Se fez illustre o povo Lusitano  
 Foi na guerra cruel, com que a memoria  
 Lhe eterniza a lembrança do Romano,  
 Dessa gente feliz na larga historia,  
 Se repete com dor do proprio damno,  
 Desde a Punica guerra athé Augusto,  
 O nome Portuguez com pafmo, e susto.

## XXI.

Pelos mesmos contrarios confessada  
 Nos Romanos annaes se vê patente  
 A destreza fatal da Lusa espada,  
 O generoso ardor da nossa gente;  
 Alli da mesma inveja acreditada  
 A fama Portugueza illustremente,  
 Se publica nos Templos, nas offertas  
 Não menos, que em ruinas descobertas.

## XXII.

Alli tremula mãõ involuntaria  
 De Jaspe não, porém de proprio susto  
 Deixou formada a estatua extraordinaria  
 Do Luso Viriato Heróe augusto;  
 A mesma infamia da traiçãõ contraria  
 A grandeza lhe avulta ao nobre busto,  
 Cuja base se adorna com Popillio,  
 Unimano, Pompeo, Plaucio, e Servillio.  
 De

## XXIII.

De outros muitos Varoens daquella idade,  
 Que a soberba abateraõ dos Romanos,  
 Se eterniza a memoria na igualdade,  
 Dos respeitos da patria soberanos;  
 Ella se honra da nobre dignidade,  
 Que deu aos Cesaroens, aos Apimanos,  
 E pois o bastaõ Luso o fez notorio,  
 Ella se honra da gloria de Sertorio.

## XXIV.

Mas naõ só dos Varoens na fama clara  
 Se honra a Lusa provincia bellicosa,  
 No sexo de belleza lhe prepara  
 Novas glorias a estrella venturosa;  
 Naõ foi huma só vez, que a sorte rara  
 Fez a graça das Damas animosa;  
 Mas pois muitos o tempo naõ consente,  
 Dois casos destes contarei sómente.

## XXV.

No tempo, que o segundo Viriato,  
 Nome sempre fatal aos inimigos,  
 Por castigar de Galba o infame trato,  
 Se vingava de Roma nos amigos;  
 E augmentando com bellico aparato  
 A nobre gloria dos tropheos antigos,  
 Dertotado o Pretor da Lusa terra,  
 Levava ás outras o furor da guerra.

## XXVI.

Os Romanos, que sempre procuravaõ  
 A vingança dos damnos padecidos,  
 E no fusto sómente disfarçavaõ  
 Os impulsos dos odios concebidos;  
 Insultados os póvos, que se achavaõ  
 Na ausencia do Varaõ mal defendidos,  
 Devastando no campo os dons de Ceres,  
 Levaraõ varios homens, e mulheres.

## XXVII.

O medo fez guardar com mais cuidado  
 Os homens fortes em prisoens seguras,  
 Fiando o debil sexo delicado  
 Do simples laço de humas cordas duras:  
 Assim da noite o espaço dilatado  
 Passáraõ todos entre magoas puras,  
 Tendo as Damas com tudo alli dispostas  
 As maõs ligadas sobre as tenras costas.

## XXVIII.

Huma noite, que o vinho, e a confiança  
 De haver sahido os termos Lusitanos,  
 Com brando somno, e torpe segurança  
 Todo o campo occupava dos Romanos,  
 As maltratadas Damas, que a lembrança  
 Despertava cruel de tantos damnos,  
 E volvendo na idéa mil projectos,  
 Formavaõ mil arbitrios incompletos.

Ven-

## XXIX.

Vendo a fraca prisaõ, que as maõs mimosas  
 Mais opprime na dor, que na firmeza,  
 E sòmente nas voltas cautelosas  
 Se assegura da força, e da destreza;  
 Resolvêraõ com furias generosas  
 Cortar daquellas cordas a dureza  
 Com as armas nativas, que do agrado  
 Costumaõ ser indicio, e naõ do enfado:

## XXX.

De huma só na prisaõ as mais ensayaõ  
 Da boca bella os claros instrumentos,  
 Resiste o laço vil, mas naõ desmayaõ  
 Das Matronas os nobres pensamentos;  
 Repete-se a porfia athé que cayaõ  
 Reduzidos a aresta os ligamentos;  
 Perde os laços aquella, e já liberta,  
 Por sua maõ as outras desaperta.

## XXXI.

Passaõ logo taõ fortes, como bellas  
 A's prisoens dos maridos, e parentes,  
 E taõ ditosas saõ, que os sentinellas  
 Achaõ todos dispersos, e dormentes:  
 Alegres entre excessos, e cautellas  
 Soltando vaõ dos ferros as correntes,  
 E ao mesmo tempo as armas dos Romanos  
 Entregando nas maõs dos Lusitanos.

Del-

## XXXII.

Dellas munidos os varoens robustos  
 Sobre os contrarios correm furiosos,  
 Que do torpe descuido os premios justos  
 No proprio ferro provaõ temerosos:  
 A morte, a confusaõ, o horror, os sustos  
 Fructo saõ dos desprezos orgulhosos;  
 Morrem huns, fogem outros, outros gritaõ,  
 Mas todos no pavôr se precipitaõ.

## XXXIII.

Cresce o susto Romano no recato  
 Da ignorada interpreza das captivas,  
 Pois julgaõ sobre si de Viriato  
 Toda a força das armas vingativas:  
 Confirma aquella idêa o estrondo ingrato  
 Das Lusitanas vozes offensivas,  
 Que soltaõ neste tempo os Portuguezes  
 Em gritos repetidos muitas vezes.

## XXXIV.

Da noite as sombras o terror lhe augmentaõ;  
 Mas nem a luz do dia os desengana,  
 Que as Damas arrogantes representaõ  
 Hum bom corpo de gente Lusitana.  
 Com bellicoso adorno alli se ostentaõ  
 De duro ferro armadas á Romana,  
 E ficaõ neste estado em modos varios  
 Duas vezes temiveis aos contrarios.

Del-



## XXXV.

Delles os mais por força do destino  
 Acabáraõ a vida ás maõs dos Lufos,  
 Foge o resto com cégo defatino,  
 Não menos derrotados, que confusos;  
 Deixando o campo cheio de ouro fino,  
 De despojos soberbos, e profusos,  
 De que adornada a gente Portugueza  
 Os trophéos fabricou daquella empreza.

## XXXVI.

Ella foi propriamente hum raro effeito  
 Do nobre arrojo das valentes Damas,  
 A quem da liberdade o amor perfeito  
 Enchia o coração de illustres chamas:  
 Ella pôde, se a caso o meu conceito  
 Se atreve a comparar antigas famas,  
 Eternizar-lhe a gloria de Heroínas,  
 Mais do que ás Gregas, mais do que ás Latinas!

## XXXVII.

Mas não só na ambição da liberdade  
 Se illustráraõ as Damas Lusitanas,  
 Que se negaõ ás Clelias igualdade,  
 Não invejaõ Lucrecias ás Romanas:  
 De Osmia a triste tragedia em qualidade  
 Similhante á de Roma, e nas tiranas  
 Circunstancias maior abona o excesso,  
 Que faz áquelle caso este successo.

Era

## XXXVIII.

Era Osmia da Lusa gentileza  
 Maravilha fatal , prodigio raro ,  
 Em quem se unia aos dotes da belleza  
 O dom sublime de hum engenho claro ;  
 E apurando as lisonjas da riqueza  
 Nos esmaltes do fangue mais preclaro  
 Tinha sido ditoso precipicio  
 De mil almas em doce sacrificio.

## XXXIX.

Hum nobre Lusó em fim , ou mais ditoso ;  
 Ou mais digno talvez , que os mais amantes ,  
 Soube alcançar o termo glorioso  
 Dos votos da Nação mais relevantes :  
 A mão de Osmia , com gosto ambicioso  
 Entre applausos lograva triunfantes ;  
 Quando hum dia os Romanos de repente  
 Hum , e outro captivaõ tristemente.

## XL.

Teve por sorte a Dama malograda  
 Ficar presa de hum nobre Cavalleiro ;  
 Que notando a belleza delicada ,  
 Ficou della não menos prisioneiro :  
 Osmia arrasta as cadêas indignada ,  
 Elle tem por suave o captiveiro ;  
 Mas não he mais feliz neste combate ,  
 Que nos ferros de amor não há resgate.

## XLI.

Largo tempo abraçado em chama nobre  
 Geme o peito Romano mudamente ;  
 Perde o fulto depois , depois descobre  
 Os effeitos de amor já livremente :  
 Não lhe fica fineza , que não obre ,  
 Projecto algum não há , que não intente ;  
 Porém de Osmia o decóro he tão perfeito  
 Que até no vencedor impõem respeito.

## XLII.

O mais difficil bem mais se appetitece ,  
 Irrita-se a paixão na resistencia ,  
 Já do antigo respeito amor se esquece ,  
 Já despreza os clamores da decencia ,  
 De Osmia o recato nos excessos cresce ;  
 Mas he do vencedor tanta a impaciencia ,  
 Que houve de ter por fim no seu dominio  
 A sorte de Lucrecia com Tarquinio.

## XLIII.

Sentio a nobre Dama a sua injuria ,  
 Quanto deve sentir hum peito honrado ,  
 Ver-se victima torpe da luxuria  
 A's mãos de hum cégo ardor sacrificado :  
 De huma justa vingança a nobre furia  
 Lhe occupa o coração desesperado ;  
 Mas não quer , que se arrisque na incerteza  
 De hum golpe intempestivo , a nobre empreza.  
 Com

## XLIV.

Com cautella disfarça a dor activa,  
 Que o peito lhe devóra em magoa pura;  
 Finge agora a paixão já menos viva,  
 Inculca a condição já menos dura;  
 Já parece aos suspiros compassiva,  
 Já da voz não se affusta da ternura;  
 E tanto encobre em fim o seu projecto,  
 Que a mesma indignação parece affecto.

## XLV.

De apparencias tão doces enganado  
 Se applaude o vencedor do seu successo;  
 Acreditando o vaõ prazer de amado,  
 Como effeito feliz do ousado excessõ;  
 Julga de Oímia o rigor em fim domado,  
 Já não teme das iras o progresso,  
 Já seguro de amor lhe facilita  
 Mil meios a vingança, que medita.

## XLVI.

Aos doces mimos de Morsèõ rendido  
 Humã noite se achava o cego amante,  
 Mitigando nas tregõas do sentido  
 Os desvelos do affecto vigilante;  
 Quando de Oímia o furor mal reprimido  
 Nos mentidos disfarces do semblante,  
 Rompendo da cautella o fero engano,  
 Lhe destina o castigo mais tirano.

## XLVII.

A' garganta infeliz, que o sômnô opprime ;  
 Do proprio ferro o fio agudo applica ;  
 Assusta a falta de uso a maõ sublime ;  
 Mas da injuria a lembrança a fortifica :  
 Levanta em fim a espada, o golpe imprime  
 No atrevido offensor, que á fé dedica,  
 E com forças, que a gloria lhe prepara,  
 A cabeça do corpo lhe separa.

## XLVIII.

Com ella em huma maõ, em outrá a espada ;  
 Fumante ainda da cruenta empreza,  
 Busca o Esposo infeliz, a quem prostrada,  
 Quer declarar o caso com pureza :  
 Principia ; porém a voz gelada  
 De horror lhe fica na garganta preza,  
 Que não acha o pudor palavras dignas  
 Para expôr circumstancias tão malignas.

## XLIX.

Disse o que pôde ; diz o mais o pranto ;  
 Mas não perde no pranto o nobre alento ;  
 Que se o pejo lhe causa á voz espanto,  
 Não lhe impede o valôr ao pensamento :  
 Quebrada a fé do laço sacrosanto,  
 Não se emenda o desfar no sentimento ;  
 Osmia sabe, que a morte só dezata  
 Os grilhoens de huma infamia ; ella se mata.

## L.

Tal foi de Osmia a tragedia, e taõ valente  
 He na Lusa Naçaõ o amor da gloria,  
 Que naõ teme da morte a horrenda frente,  
 Por fazer a virtude mais notoria.  
 Mil provas deste affecto illustremente  
 Ministra ao pensamento a antiga historia;  
 Mas naõ sofre do tempo a brevidade  
 Casos narrar de igual heroicidade.

## LI.

A's noticias geraes do Estado todo  
 Voltarei outra vez, bem que de Augusto  
 Athé a introducçaõ do Imperio Godo  
 Pouco assumpto deixou o tempo injusto;  
 Mas se a fama nos rouba deste modo  
 Das nobres glorias do valôr robusto;  
 Outras glorias naõ menos singulares  
 Nos prepara a mudança dos Altares.

## LII.

Chegára em fim o tempo venturoso  
 Nos sacrosantos Livros indicado,  
 A' esperanza dos justos precioso,  
 E dos Santos Profetas suspirado,  
 Em que a terra abatido o Deos piedoso  
 Devia ser o Mundo resgatado;  
 E já desde os confins da Palestina  
 Se espalhava ás Naçoens a luz Divina.

Mas

## LIII.

Mas nas trevas da cega idolatria,  
 Que as Provincias Romanas occupava,  
 Mal distincto o fulgor da fé luzia  
 Entre os erros grosseiros, que encontrava;  
 Já por largo paiz se difundia,  
 Mas toda-via o rito se occultava;  
 Porque as aras das falsas Divindades  
 Se armavaõ do poder das Magestades.

## LIV.

Portugal, cuja sorte em tudo rara,  
 He ser nos sacros cultos extremofo,  
 E com puros affectos adoptára  
 Da Ley nova o fervor religioso,  
 No zêlo santo da Doutrina clara  
 Se mostrava ás mais gentes vantajoso;  
 E por esta razaõ com mais porfia  
 Era objecto da cega tyrania.

## LV.

Bebido tinha nas mais puras fontes  
 Os Dogmas principaes da Christandade,  
 Quando apenas da Igreja os Orifontes  
 Se illustravaõ dos rayos da verdade:  
 Quem trouxe a Ley da Graça aos Lusos montes  
 Não he facil dizer com claridade;  
 Pois he na tradiçaõ problema vago  
 Ser Saõ Pedro, Saõ Paulo, ou Santiago.

## LVI.

Mas, ou todos, ou hum foi certamente  
 Do Collegio de Christo respeitavel  
 O Mestre, ou Mestres, que entre a Lusa gente  
 Ensinárao seu Santo nome amavel;  
 E com fructo taõ prompto, e taõ patente,  
 Que abraçado de hum zêlo incomparavel,  
 Já no tempo de Nero, com fé pia,  
 Por Christo o Luso sangue se vertia.

## LVII.

Mil palmas de martyrio a Lusa terra  
 Produzio felizmente aquelles annos,  
 Cujá fama immortal a historia encerra  
 Para eterna vergonha dos Tyranos.  
 Naquelle dos Christaons primeira guerra,  
 Indelevel injuria dos Romanos,  
 Se distinguem os nomes de Cicílio,  
 Pedro, Eufrazio, Torcato, e de Basílio.

## LVIII.

Nem menos entre os Lusos preciosa  
 A lembrança de Mancio se conserva,  
 Mancio, cuja doutrina fez ditosa  
 A Cidade, que honrou a antiga Cerva:  
 Allí patente á inveja esculpulosa  
 A columna fatal inda se observa,  
 Onde Mancio com sangue rubricára  
 A verdade do Dogma, que ensinára.



## LIX.

O mesmo nobre empenho representa  
 Celerina Matrôna Lusitana,  
 Secundino, Donato, e mais de oitenta  
 Companheiros, Victor, e mais Susana;  
 O mesmo as nove Irmãos, de quem se ostenta  
 Braga patria feliz, bem que tyrana,  
 Donde fugindo todas se assegura  
 Serem victimas santas da fé pura.

## LX.

Por ella illustremente em tempos varios,  
 Outros muitos Varoens, muitas Donzellas  
 Dos despójos da vida voluntarios  
 Adornáraõ na Lisboa as almas bellas;  
 A Historia secular, os Breviarios,  
 Os Altares, os Templos, as Capellas  
 Abonaõ, sem cessar em toda a idade  
 A constancia da Lusa Christandade.

## LXI.

Empreza digna de mais alto canto  
 Seria repetir distinctamente  
 As acçoens, que o fervor de hum zêlo santo  
 Fez obrar ao valor da Lusa gente:  
 A' mesma voz da fama assombro, e espanto  
 Póde ser este assumpto eternamente,  
 E da mesma materia a dignidade  
 Me nega de a tratar a liberdade.

He

## LXII.

Hé notoria no Mundo a tyrania,  
 Que os primeiros tres seculos da Igreja  
 Maquinou aos Christãos a idolatria,  
 A avareza, a ambição, o odio, a inveja;  
 Ella foi tão geral, tanta a porfia  
 Dos martyrios, que a furia vil manêja,  
 Que não teve a virtude outro destino  
 Desde Nero cruel a Constantino.

## LXIII.

Este grande Monarcha, a quem propicio  
 Por alta permissão da Providencia,  
 O Ceo guardava o summo beneficio,  
 De apurar dos altares a decencia;  
 Authorizando o Santo Sacrificio,  
 Com justa Ley, com pura reverencia  
 Suspendeo dos martyrios a torrente,  
 Rendendo a Christo o culto competente.

## LXIV.

Elle foi geralmente praticado  
 Nas Provincias de Roma tributarias,  
 E nos Lusos limites celebrado  
 Com finezas de zêlo extraordinarias;  
 E bem que alguma vez fosse infamado  
 Algum particular de acçoens contrarias,  
 Foi sempre em Portugal pura, e constante  
 A Ley da graça o culto dominante.

Nem

## LXV.

Nem dos mesmos Monarchas a cegueira  
Póde apagar a fé da Lusa gente,  
Por mais, que a Ley desprezem verdadeira  
Juliano, Constancio, e mais Valente;  
Sempre firme a Nação contra a grosseira  
Idolatria, contra a vil semente  
Das heresias, foi do zêlo empório  
Do grande Constantino até Honorio.

## LXVI.

No tempo deste froxo, e mal fervido  
Imperador por sorte, ou por enganos,  
Sendo o Imperio Romano acomettido  
Pelas armas dos Godos, dos Alanos,  
Suevos, e Selingos, e partido  
Em retalhos por mãos destes tyranos,  
Foi a Lusa Provincia mal guardada,  
Destas barbaras gentes affolada.

## LXVII.

Os Suevos, e Alános vencedores  
Dos Romanos nas terras Portuguezas,  
Forão logo entre si competidores  
No dominio das Lusas fortalezas:  
Daquí novas questoens, novos horrores,  
Novas perseguiçoens, novas cruezas  
Vem á Religiaõ, ao Estado, á gente,  
A' honra, e á vida miseravelmente.

## LXVIII.

O theatro da guerra he quem padece  
 Sempre o damno maior da mesma guerra,  
 Ou só nelle deveras se conhece  
 Todo o mal, que este açoute em si encerra;  
 E bem, que o uso deste horror podesse  
 Menos susto causar na Lusa terra,  
 Era agora tão forte este castigo,  
 Que faria esquecer qualquer antigo.

## LXIX.

Pois sendo nestes Gétas conhecida,  
 Tyrana a condição, cega a braveza,  
 Grosseira a criação, barbara a vida,  
 Natural o rigor, propria a fereza,  
 No nome de inimigo enfurecida  
 A dura propensão da natureza,  
 Pareciaõ mais feras indomaveis,  
 Do que homens racionaes, e sociaveis.

## LXX.

Hydronica ambição de sangue humano  
 Era affecto vulgar na fera gente,  
 Sendo objecto igualmente ao golpe infano  
 O varão forte, e o timido innocente;  
 Tudo affóla indistincto o ardor tyrano;  
 Mas de tantos estragos na torrente  
 Fazia mais horror a barbaria  
 Dos costumes, que a mesma tyrania,

## LXXI.

A policia Romana introduzida  
 Nos estylos, nos moveis, no sustento,  
 Foi na Lusa Nação substituída  
 De hum barbaro, feroz procedimento;  
 Desterrado o bom gosto, a luz perdida  
 Das sciencias, das artes, do ornamento,  
 Destruia igualmente a furia bruta  
 O Palacio, o Jardim, a fonte, a gruta.

## LXXII.

O respeito dos Templos profanado,  
 Os sagrados Ministros perseguidos,  
 O santo Dogma de erros maculado,  
 Os Divinos Misterios confundidos,  
 O moral das acçoens prevaricado,  
 Os principios geraes desconhecidos,  
 Nenhuma applicação, nenhum estudo,  
 Tudo em fim era horror, desgraça tudo.

## LXXIII.

Resplandiano fóra o Rey primeiro,  
 Que os Alanos guiára á terra Lusa,  
 De quem Atáces foi filho, ou herdeiro  
 No governo cruel da gente intrusa:  
 Era Atáces mancebo, era guerreiro  
 De esfera não vulgar, bem que confusa,  
 Por falta de instrução; mas valoroso,  
 Incançavel, robusto, e ambicioso.

Este

## LXXIV.

Este depois de haver com mão pêsada  
 Domado Portuguezes, e Romanos  
 Na Provincia, que fora em forte dada  
 A's tiranas emprezas dos Alanos,  
 Movido de ambição desordenada  
 De estender os limites soberanos,  
 Contra os mesmos Suevos seus amigos  
 Convertia das armas os castigos.

## LXXV.

Com presteza fatal, com mão potente  
 Sobre a antiga Collimbria em fim dispára  
 Toda a furia da raiva impaciente,  
 Que a guerra ordena, que o rigor prepara:  
 Arrazada a Cidade inteiramente,  
 Résta apenas do nome a fama rara;  
 Mas tão pouco distincta, que só deixa  
 Ver, que fora Collimbria, onde he Condeixa.

## LXXVI.

Das cinzas quentes deste estrago duro  
 Nova Fenis Coimbra se levanta,  
 Onde o barbaro Rey para o futuro  
 Por padrao da victoria os seus transplanta;  
 Mas no mesmo esplendor do novo muro  
 Segundo Pharaó ao mundo espanta,  
 Atáces fero, que a pensoens vulgares  
 Sujeitava os Ministros dos altares.

## LXXVII.

Alli se via com affombro, e susto,  
Entre a plebe grosseira equivocado,  
O Sacerdote santo, o Bispo justo,  
Aos mais duros serviços condemnado:  
A gróssa barra, o alviaõ robusto,  
A paviõla, o cesto, e o mal lavrado  
Braço do cabrestante era o exercicio  
Da maõ usada ao Santo Sacrificio.

## LXXVIII.

Em quanto desta sorte entre insolencias,  
Crescia de Coimbra o muro altivo,  
Igualmente manchado de indecencias,  
Que illustrado de adorno defensivo,  
Os Suevos movidos das violencias,  
A que as tropas de Atáces daõ motivo;  
Desde as praias do Lima vem correndo  
A castigar estrago taõ horrendo.

## LXXIX.

Mas temendo igualmente os dois partidos  
O successo fatal de huma batalha,  
Ou de antigos affectos commovidos,  
Que a politica voz astuta espalha,  
Dos impulsos das iras esquecidos;  
Cada qual pela doce paz trabalha,  
E terminaõ-se os tristes embaraços  
No fim ditoso de suaves laços.

Do

## LXXX.

Do Rey Suevo Hermenerico a filha  
 Cindafunda, Princeza respeitavel,  
 Em quem no summo grão se ostenta, e brilha  
 A virtude, e belleza incomparavel,  
 Foi de Atáces o premio, a que se humilha  
 Tanto a sua soberba incontrastavel,  
 Que trocada a braveza em rendimento,  
 Fez de hum barbaro amor hum culto attento.

## LXXXI

Da força illustre deste affecto claro  
 Tira a nova Coimbra o timbre augusto,  
 Que Atáces lhe entregou no objecto charo  
 Representado em marmore robusto,  
 Allí dura, apesar do tempo avaro,  
 Da famosa Princeza, o nobre busto  
 Entre huma serpe, e hum leão metido,  
 Que insignias são do Pay, e do Marido.

## LXXXII.

Pouco tempo durou da paz serena  
 O dezejado fructo entre os Alanos,  
 Que huma liga fatal o odio ordena  
 Entre Vandalos, Godos, e Romanos,  
 Estas Naçoens, a quem causara pena  
 Ver unidos os Reys dos Lusitanos,  
 Dos progressos de Atáces temerosas  
 Em seu damno conjuraõ furiosas.



## LXXXIII.

Junto a Merida, entã Corte luzida;  
 De que hoje resta apenas a memoria,  
 A confusos vestigios reduzida  
 A soberba fatal da antiga gloria,  
 Acaba em fim de Ataces a temida  
 Ambição, com desgraça taõ notoria;  
 Que perdida a batalha inteiramente,  
 Perde Estados, e vida juntamente.

## LXXXIV.

Allí extincta a gloria dõs Alanos,  
 Dos Suevos renasce a Monarchia,  
 Cujõ termo em dominios soberanos  
 Pouco ávante do Douro se estendia;  
 Mas vendo agora os pòvos Lusitanos  
 Sem governo formal, sem Rey, sem guia;  
 Com industrias de agrados, e amizades,  
 Se faziaõ senhores das cidades.

## LXXXV.

Brevemente com mutuas alianças  
 Suevo, e Luso sangue se mistura;  
 Firmando o parentesco as seguranças  
 Da mais bella uniaõ, da fé mais pura;  
 E crescem tanto as nobres confianças  
 Nos penhores fieis, que se figura  
 Huma nação sómente, o povo vario,  
 Que tantas vezes fora já contrario.

## LXXXVI.

Largo tempo logrou Hermenerico  
 O dominio geral da Lusitania terra,  
 De quem foi successor, no Trono rico  
 Rechilla, Rey feliz em paz, e guerra;  
 Deste o filho Rechiario, e Theodorico  
 Rey dos Godos de lá da Alpina terra,  
 Sendo em laços estreitos aliados,  
 Se fizeraõ contrarios declarados.

## LXXXVII.

Porque Sendo o Rey Godo, dos Romanos  
 Aliado fiel, constante amigo,  
 De quem agora o Rey dos Lusitanos  
 Se mostrava implacavel inimigo,  
 Pertendendo evitar da guerra os damnos,  
 De que conhece bem todo o perigo,  
 A Rechiario, com prudente intento  
 Quiz desviar daquelle pensamento.

## LXXXVIII.

Mas este, que aspirava ao Trono Augusto  
 De toda Hespanha, e julga ser inveja  
 A causa principal daquelle susto,  
 Que não crê, que de amor sincero seja;  
 Lhe responde soberbo, altivo, injusto,  
 Que os propios riscos mais attento veja;  
 Porque a guerra, que Hespanha agora sente,  
 Lhe irá fazer em França brevemente.

Passa

## LXXXIX.

Passa o Godo indignado da resposta  
Da grande ferra as duras eminencias;  
Onde a triste Pyrene a vida exposta  
Vio dos brutos ás feras inclemencias;  
E achando Hespanha ainda mal disposta,  
Vaõ cedendo ao furor as rezistencias,  
Athé que em fim, vencido Rechiario  
Deixa a vida nas maõs de seu contrario.

## XC.

Com elle espira o sangue respeitavel  
Dos Monarchas Suevos taõ temidos,  
Abatendo-se o Ceptro inestimavel  
A' fugeiçaõ dos Godos atrevidos;  
E bem que largos annos perduravel  
Fosse o nome de Rey entre os vencidos;  
Eraõ Reys dependentes, de algum modo,  
Do dominio geral do Imperio Godo.

## XCI.

Athé que em fim no tempo em que reynava  
Leovigildo cruel, e ambicioso,  
Cujo genio feroz naõ respeitava  
Nem justiça, nem termo generoso;  
Taõ tirano por fim, que executava  
No proprio filho o odio furioso,  
Perdido totalmente o nome Regio,  
Ficou simples Provincia o Reino egregio.

Co-

## XCII.

Como tal confundida entre os estados  
 Da vasta altiva Goda Monarchia,  
 Seguio a Lusã gente os varios fados,  
 Que a forte áquelle Imperio repartia;  
 Athé que em fim os vicios descarados,  
 Com que o Trono Real se invilecia  
 Desafiando os Céos para o castigo,  
 O conseguirão no infeliz Rodrigo.

## XCIII.

Este infausto Monarcha, a quem guardava  
 O destino fatal para esgarmento  
 Das desordens, que o Reino lamentava  
 De hum dominio cruel, torpe, e violento;  
 Completando a medida, que esperava  
 Da Justiça Divina o sofrimento,  
 Foi o ultimo Rey da gente Goda  
 Ruina universal de Hespanha toda.

## XCIV.

Era Rodrigo illustre descendente  
 Do sangue Godo mais esclarecido;  
 Antes de Rey, affavel, bom, valente;  
 Depois froxo, soberbo, e defabrido;  
 No governo do Reyno negligente,  
 Em passatemplos vaons só divertido,  
 Ao Conde Juliaõ com liberdade  
 Confiava o poder da Magestade.

## XCV.

Tinha o Conde huma filha, a quem dotára  
 De huma gentil figura a natureza,  
 Que brilhava a pesar da forte avara,  
 Entre aceyos, agrados, e viveza,  
 Maravilha da Corte, inveja rara  
 Do juizo, da graça, e da belleza;  
 Era Florinda, em fim de todo modo  
 O prodigio maior do Imperio Godo.

## XCVI.

Vio Rodrigo este affombro, e namorado  
 Que era divida amor a tal aspecto,  
 Lhe tributa nas aras do cuidado  
 Continuas oblaçoens de puro affecto;  
 Mas sendo o culto ardente desprezado  
 Da altiva indignação do doce objecto,  
 Lhe consagra com voto mais rendido  
 Fé de Esposo, palavra de Marido.

## XCVII.

Já propicia Florinda ao rogo amante  
 Aceitava benigna em cultos varios,  
 Os obsequios do Principe arrogante,  
 E os parabens dos Povos tributarios;  
 Quando a forte invejosa, ou vacillante  
 Por costume, nos bens extraordinarios,  
 Fez conduzir á Corte de Rodrigo  
 Egilona, de amor novo perigo.

H

Era

## XCVIII.

Era estranha Egilona, e mal tratada  
 No mar de huma tormenta furiosa,  
 Tinha sido das ondas arrojada  
 Sobre as costas de Hespanha bellicosa;  
 E sendo logo ao Rey apresentada,  
 Bem que adora a Florinda por formosa,  
 Foi a nova belleza mais bem quista,  
 Senão já por maior, por menos vista.

## XCIX.

Perde Florinda em fim por hum acaso  
 A mão do Rey, e o Trono promettido,  
 Que Egilona só deve ao triste caso  
 De hum naufragio nas ondas padecido;  
 Foi aquelle navio o triste vaso  
 De Pandóra, na Hespanha introduzido,  
 Donde foraõ sabindo os males todos  
 Para estrago geral dos nobres Godos.

## C.

Porque a bella Florinda injuriada,  
 Descompostos do Conde os pensamentos,  
 Nem podem supportar a dor pesada,  
 Nem querem sujeitar-se a sofrimentos;  
 Florinda ativa, ou menos disfarçada,  
 Não dissimula os tristes sentimentos;  
 Mas o Conde de enganos mestre antigo  
 Jura a perda do Rey com rosto amigo.

Era

## CI.

Era o Conde Politico famoso ;  
 Nas intrigas das Cortes instruido ;  
 Vingativo por genio , e ambicioso ;  
 Mas por arte agradavel , e sofrido ;  
 Sem fé , sem probidade , impetuoso ,  
 Nas paixoes , nos projectos desmedido ,  
 Implacavel nas iras , avarento ,  
 Suspeitoso , cruel , sanguinolento .

## CII.

Era do Rey valido , e de maneira ,  
 Que eclipsada do affecto a Magestade ,  
 Passava o valimento a ser cegueira ,  
 Passava a sujeição a humanidade ;  
 Pois abusando o Conde da ligeira  
 Inclinação do Rey á ociosidade ;  
 Deixando-lhe sómente o nome Regio ,  
 Lhe usurpava o poder , e o privilegio .

## CIII.

Os beneficios , as mercês , as graças  
 Pelo arbitrio do Conde se faziaõ ,  
 Os castigos , as penas , as desgraças  
 Do seu gosto sómente dependiaõ ;  
 O governo das Armas , e das Praças  
 Pelo seu parecer se commettiaõ ;  
 E finalmente o Rey do seu cuidado  
 Fiava a direcção de todo o Estado .

## CIV.

Deste mesmo favor, desta privança  
Faz o perfido Conde injusto meyo,  
Para lograr mais promptos da vingança  
Os fins, que occulta no mentido seyo;  
Porque enchendo de vil desconfiança  
O animo Real com torpe, e feyo  
Fingimento de zêlo, o precipita  
Na ruina fatal, que premedita.

## CV.

Faz-lhe crer, que os vassallos respeitosos  
Lhe saõ pouco fieis, e mal sofridos,  
E que os Povos ferozes, e orgulhosos  
Podem ser facilmente commovidos:  
Que he preciso evitar com cuidadosos  
Artificios perigos taõ subidos;  
E que o meyo melhor para evita-los,  
He desfamar Cidades, e vassallos.

## CVI.

Persuade-se o Rey do triste engano,  
Porque crê cegamente o falso amigo,  
E manda desfamar em proprio damno,  
Todo o Reyno, sobpena de castigo:  
Depoem a gente Goda o ferro ufano,  
Das praças se arruina o muro antigo,  
E fica o Estado exposto ao risco duro,  
Quando o Rey se imagina mais seguro.

Funda-



## CVII.

Fundamentado assim o vil projecto,  
 Se offerece a Rodrigo o Conde astuto  
 Como effeito fiel de hum puro affecto ;  
 A conseguir dos Mouros maior fructo ;  
 Porque sabendo , que o primeiro objecto  
 Dos cuidados do Rey são Sisebuto ,  
 E Evan seu irmaõ refugiados  
 Entre os Mouros , e delles estimados.

## CVIII.

Lhe aconselha , que mande huma embaixada  
 A' Corte Mauritana , e que faria  
 Elle perfido Conde esta jornada ,  
 Que de outro Embaixador pouco confia ;  
 E pondo em praxe a idêa refinada ,  
 Parte o traidor infame à Barbaria ,  
 Mais que a tratar dos fins , que astuto affecta ,  
 A dispor a vingança , que projecta.

## CIX.

Entre tanto Rodrigo ambicioso  
 Dos thesouros , que a fama publicava ,  
 Encerrar de huma Torre o vaõ famoso  
 Que occulto ha muitos annos se guardava ,  
 Onde o susto do povo temeroso  
 Mil prestigios de encanto imaginava ,  
 E de largas idades se dizia  
 Ser funesto presagio se se abria.

Despre-

## CX.

Despresando rumores populares,  
 Que imagina illusoens do vulgo inculto,  
 E que na fé de idéas regulares  
 Fazem sempre pequeno, ou nenhum vulto;  
 Quebranta os varios ferros tutellares,  
 Que saõ das portas, mais que guarda, insulto  
 Em rafaõ dos horrores, que authorisaõ  
 Nesse mesmo recato, que eternisaõ.

## CXI.

Examina da Torre o centro escuro;  
 Mas nella naõ vê mais, que hum cófre breve,  
 Que guardado com fecho bem seguro,  
 Tosco á vista parece, ao tacto leve;  
 Excita o novo objecto ardor mais puro,  
 Que a romper o mysterio em fim se atreve;  
 Mas patente o motivo do segredo,  
 Quanto forã alvorôço, he susto, e medo.

## CXII.

Porque dentro do cófre está dobrado  
 Sómente hum triste véo, que apenas toca,  
 Quando hnm corpo de tropas vê pintado,  
 Que no traje com Mouros se equivoca;  
 A postura a fereza, e gesto irado  
 Tudo á guerra parece, que provoca;  
 Mas o risco mais claro annunciava  
 Hum letreiro, que assim se decifrava.

No

## CXIII.

No momento fatal, que for aberta  
 Desta Torre vedada a porta inculta,  
 E por maons imprudentes descoberta  
 For a pintura, que este cofre occulta,  
 A conquista de Hespanha inteira, e certa  
 A' gente aqui notada se faculta;  
 Tema qualquer, que o vicio tocar ousado,  
 Que nelle está seu visco retratado.

## CXIV.

Affustado Rodrigo, e vacilante  
 Treme de horror á vista do protento,  
 E nas palidas cores do semblante  
 Mal disfarça o pavor do pensamento;  
 Mas na fé dos prodigios inconstante,  
 No silencio sepulta o sentimento;  
 E sahindo das portas mal seguras,  
 As carrega de novas fechaduras.

## CXV.

Crê, que basta a cautela do segredo  
 A frustrar os horrores do ameaço;  
 E com rogos, promessas, lusto, e medo  
 Assegura das vozes o embaraço;  
 Mas não pôde evitar o cego enredo  
 O decreto cruel do fado escaço,  
 Que o Trono augusto em fim se precipita  
 Desde o tempo, que a Torre se visita.

Tal

## CXVI.

Tal he a tradiçãõ de Hespanha inteira  
 Nos mais serios escriptos abonada,  
 Se huma noticia tal por verdadeira  
 Põde ser de algum modo auctorifada;  
 Livre á luz da rafaõ fique a carreira  
 Nos exames de fé taõ dilatada,  
 Que eu seguindo da historia o cego instincto,  
 Vou contando o que li, naõ o que finto.

## CXVII.

Entre tanto na Corte de Rodrigo,  
 Com emprego de Dama da Raynha,  
 Assistia Florinda, em quem o antigo  
 Amor do Rey fataes raizes tinha;  
 E mal firme a rafaõ contra o perigo,  
 Das subtis impressoens da luz visinha,  
 Novamente inflamado o Regio peito,  
 Da mais cega paixãõ padece o effeito.

## CXVIII.

Arde Rodrigo em chamas indecentes  
 Mais activas talvez, por mais impuras,  
 Que he costume de affectos imprudentes  
 Por culpaveis mostrar forças mais duras;  
 Saõ agora mais bellas, mais valentes  
 Da deixada Florinda as graças puras;  
 E exaltada nas aras do desejo,  
 Quanto fõra desprezo, he já cortejo.

Tem

## CXIX.

Tem por graves os laços preciosos ;  
Que dos proprios affectos fabricára ,  
E suspira com votos vergonhosos  
Pelas mesmas cadêas , que quebrára ;  
Contemplada com olhos cubiçosos  
Aquella luz , que ha pouco reprovára ;  
Cega agora o discurso , abraça a idéa ,  
Sem mais outra rafaõ , que ser alhêa.

## CXX.

Mas conserva Florinda na memoria  
Viva a dor do desprezo intoleravel ,  
E naõ lhe sofre o amor da propria gloria ;  
Ser de Rodrigo ás ancias favoravel ;  
Nas vinganças de offensa taõ notoria  
Passa a ser o rigor ira implacavel ,  
E quanto mais amante o Rey parece ,  
Tanto mais de Florinda o desdem cresce.

## CXXI.

Affistencias , obsequios , gentilezas ,  
Lisonjas , attençoens , mimos , agrados ;  
Desvelos , votos , cultos , e finezas ,  
Rogos , suspiros , ancias , e cuidados ,  
Tudo emprega Rodrigo com destrezas  
De amante experto em riscos namorados ;  
Mas a tudo resiste a Dama altiva  
Naquelle tempo mais que Dafne esquiva.

Cresce

## CXXII.

Cresce a céga paixão na resistencia,  
 Efeito natural do amor tirano,  
 Que imitando dos rayos a violencia,  
 Nas durezas se emprega mais ufano;  
 Frustrada da brandura a diligencia,  
 Da força se aproveita o Rey infano;  
 E qual outro Tarquinio furioso,  
 Perde o Ceptro com crime vergonhoso.

## CXXIII.

Porque a nova Lucrecia injuriada,  
 Não menos, que a Romana, mal sofrida,  
 Nem medita vingança mais calada,  
 Nem quer satisfação menos luzida.  
 Ao Pay intima em carta abreviada  
 A noticia da afronta padecida,  
 E lhe pede com rogo impaciente  
 O castigo de acção tão insolente.

## CXXIV.

Recebe o Conde a carta, e vêm voando  
 Desde a Africa adusta athé Tolledo,  
 Onde espera de caso tão nefando  
 Informar-se melhor, com mais segredo;  
 E discursos malignos atalhando  
 Com finas illusoens de astuto enredo,  
 Publica concluida a diligencia,  
 Que fazia precisa a sua ausencia.

## CXXV.

Ao mesmo Rey engana desta forte,  
A quem rende por zêlo a brevidade,  
E occultando no peito a pena forte,  
Afecta a mais feliz tranquillidade;  
Mas depois, que da Filha, e da **Conforte**  
Se informa bem da triste novidade,  
Largando a rédea toda á ira cega,  
Ao mais duro furor em fim se entrega.

## CXXVI.

Pequeno sacrificio lhe parece  
A vingança cruel, que premedita,  
E na sua soberba não conhece  
Limites a ambição, que o peito incita;  
Na cega idéa mil projectos tece,  
Em mil furias de horror se precipita;  
E jura, que Florinda em dôr tamanha  
Outra Helena ha de ser da triste Hespanha.

## CXXVII.

Disfimula, com tudo, cauteloso  
A dôr feroz, que o peito lhe devora;  
E nos cultos do Rey mais cuidadoso,  
Ou mais attento se desvela agora;  
Athé que conseguido o fim danoso  
Da torpe adulação, que a honra ignora,  
Passa segunda vez de Africa os mares,  
Governador das Praças Militares.

Como

## CXXVIII.

Como penhor fiel da fé devida,  
 Deixa o perdido Conde com cautela;  
 A pesar da saudade enternecida,  
 No serviço do Paço a Filha bella;  
 Mas seguido da Esposa mal sofrida,  
 Que não menos nas iras se desvela,  
 Parte emfim a buscar com triste engano;  
 A vingança no ferro Mauritano.

## CXXIX.

Facilita-lhe a féra visinhança  
 Os duros meyos da traição, que intenta;  
 E de Muça, na antiga confiança,  
 Os mais certos soccorros fundamenta:  
 Deste fia o segredo da vingança,  
 Os agravos do Rey lhe representa,  
 E lhe jura com torpe rebeldia,  
 Sujeitar-lhe de Hespanha a Monarchia.

## CXXX.

Era Muça dos Mouros Cômandante,  
 Não menos que valente, industrioso,  
 Nos combates intrepido, arrogante,  
 Nos contratos prudente, e cauteloso,  
 E nos riscos presentes vacilante,  
 A' proposta se affecta duvidoso;  
 Mas o Conde com fortes argumentos  
 Lhe desvanece os dubios pensamentos.

Faz:



## CXXXI.

Faz-lhe ver com rasoens bem ponderadas ,  
E por desgraça certas , e patentes ,  
Que haõ de ser facilmente executadas  
As empresas , que nota de imprudentes ;  
Que as Cidades estaõ desmanteladas ,  
Os soldados sem armas competentes ,  
Desgostosa a Naçaõ , queixosa a Corte ,  
Malquistõ o Rey , e mão de toda a forte.

## CXXXII.

Que no Reyno tem grande quantidade  
De parentes , amigos , e vassallos  
Que estaõ promptos a toda a novidade  
Com soldados , com armas , e cavallos ;  
Que os portos tem seguros na amisade  
De sujeitos dispostos a entrega-los ;  
E que qualquer projecto bem medido  
Lograria o successo pertendido.

## CXXXIII.

Persuadido em fim o Mouro astuto  
Destas rasoens , e de outras semelhantes ,  
De que vê claramente o nobre fructo ,  
Que podem dar empresas taõ brilhantes ,  
Lhe promette animoso , e resolutõ  
Ministrar-lhe soccorros abundantes ,  
Com que possa naõ só vingar aggraves ,  
Mas claramente fulminar estragos.

Certo

## CXXXIV.

Certo já do soccorro desejado,  
 Passa o Conde com torpe providencia  
 A dispor a perfidia do Tractado,  
 Dos amigos na céga complacencia;  
 Mas na mesma cegueira acautelado,  
 Não se esquece da propria dependencia,  
 E dos riscos da Filha receoso,  
 A faz sahir do Paço ruinoso.

## CXXXV.

Finge, que a Mãy ferida mortalmente  
 De agudo mal, com triste fantasia,  
 Quer ao menos na morte ter presente  
 Da chara Filha a doce companhia;  
 E com cores de empenho tão decente,  
 Avivadas da luz de que seria  
 Pouca a demora, em fim do Rey consegue,  
 Que a formosa Florinda se lhe entregue.

## CXXXVI.

Livre já de attenções, de susto isento  
 O perfido, traidor, infame Conde  
 Tira a mascara vil do fingimento,  
 Com que as torpes acções ao Mundo esconde;  
 E descoberto o feyo pensamento,  
 Que tão mal a seu sangue corresponde,  
 Sobre a Patria de Mouros rodeado  
 Aparece inimigo declarado.

Mortes,

## CANTO III.

127

## CXXXVII.

Mortes , roubos , estragos , e insolências  
 Vai o monstro feroz executando ,  
 Primeiro , que do Rey as negligencias  
 Acreditem delicto taõ nefando :  
 Parecem-lhe illusoens as evidencias  
 De crime taõ atroz , taõ execrando ;  
 E quando em fim conhece a vil mudança ,  
 He mais tempo de dor , que de vingança.

## CXXXVIII.

Porque os Mouros depois de haver corrido  
 Grande parte de Hespanha sem disputa ,  
 E por varias Provincias commettido  
 Mil insultos crueis com furia bruta ;  
 Satisfeitos do fructo conseguido ,  
 Para os portos do mar com marcha astuta ,  
 De luzidos despojos carregados  
 Já voltavaõ com passos apressados.

## CXXXIX.

Quando Rodrigo ainda mal desperto  
 Do letargo fatal em que vivia ,  
 A taõ barbara afronta , e mal taõ certo  
 Frouxamente o reparo prevenia :  
 Hum debil , mal armado , e nada experto  
 Exercito lhe oppoem , em quem se via  
 Mais que a força do Rey auctorifada ,  
 A miseria do Reyno retratada.

Pois

## CXL.

Pois sendo breve o numero da gente,  
 Era menos, que a gente, o provimento;  
 Faltando á triste Tropa juntamente  
 Armas, ordem, vestido, e mantimento:  
 Eraõ pedras da rua indignamente,  
 As vergonhosas forças do armamento,  
 E semelhante em tudo era a ruina  
 No vestido, na paga, e disciplina.

## CXLI.

E sendo sem trabalho destruida  
 Pelas armas do Conde aquella gente,  
 E na sua ruina confundida  
 Toda a força de hum Reyno tão potente;  
 Deixando toda a Hespanha estremecida,  
 Se recolhe o traidor impunemente,  
 Sem que achasse na Goda negligencia  
 Senão castigo, ao menos resistencia.

## CXLII.

Animados os féros Africanos  
 Do primeiro successo, e cubiçosos  
 De mais altas empresas, que os tiranos  
 Exercicios de roubos vergonhosos,  
 A' Libia voltaõ de maiores danos  
 A prevenir os meynos orgulhosos,  
 E deffipada a idéa do perigo,  
 He já nobre alvoroço o lusto antigo.

## CXLIII.

Já de Muça prudente á vasta idéa  
 Nos cuidados do Conde não descança ;  
 Já da cega ambição a paixão feya ,  
 Mais projectos lhe inspira , que vingança ;  
 Já da gloria immortal se lisonjeia  
 De huma nobre conquista , e na esperança  
 De huma nova fortuna alvoroçados ,  
 Todos os Mouros querem ser soldados.

## CXLIV.

Entretanto Rodrigo estremecido  
 Dos tristes éccos do primeiro susto ;  
 E dos gritos dos povos commovido  
 A buscar providencia ao damno injusto ;  
 Já da cega torpeza arrependido ,  
 Com que havia manchado o Trono augusto ;  
 Se dispunha com passos diligentes  
 A precaver os riscos eminentes.

## CXLV.

Gente manda alistar , tomar cavallos ;  
 Reparar fortalezas , e muralhas ,  
 Levantar esquadroens , e doutrina-los  
 Na sciencia terrível das batalhas ;  
 Ferros manda fundir , e prepara-los  
 Nos ardentes ensayos das fornalhas ,  
 Forjar Lanças , Espadas , Capacetes ,  
 Arnezes , Sayas , Grévas Braceletes.

## CXLVI.

Capitaens manda vir a toda a pressa  
 Dos presidios da Gallia bellicosa,  
 Chama a Nobresa, os povos interessa  
 Na defesa da Patria gloriosa;  
 Conselheiros convoca, o risco expressa,  
 Dinheiros pede em copia numerosa,  
 E por todos os modos se prepara  
 Contra o golpe cruel da forte avara.

## CXLVII.

Igual no reyno todo a providencia  
 Se manifesta em nobres exercicios,  
 Que se fôra contagio a negligencia,  
 Saõ agora geraes os bons officios;  
 Qual da guerra se instrue na sciencia,  
 Qual das Praças se applica aos beneficios,  
 Qual acode á muralha, qual á mina,  
 Qual a outros empregos se destina.

## CXLVIII.

Mas em quanto nos nobres apparatus  
 De huma guerra futura, mas distante,  
 Se occupava dos Godos mais cordatos  
 Toda a força do zêlo vigilante,  
 Pelas Portas Herculeas os ornatos  
 Vem surgindo da Lua fulminante,  
 Com que o torpe Mafoma faz famosas  
 As bandeiras de Agar sempre horrorosas.

Vinte

## CXLIX.

Vinte vezes dez mil peoens armados,  
 Com mil vezes quarenta cavalleiros  
 Foraõ logo nas Prayas vomitados  
 Do vasto seyo dos Baixeis guerreiros;  
 Do famoso Tarif alli guiados,  
 Que já fora Mandante dos primeiros,  
 E do perfido Conde, a quem se unia  
 Nova copia de infames cada dia.

## CL.

Junto ao Calpe famoso, antiga méta  
 Dos triunfos illustres do Thebano,  
 Que a tradiçaõ dos Gregos indiscreta  
 Aquí suppóz ao mar dar passo ufano,  
 Se alója o Mouro adusto em paz quieta;  
 Sem que alguém se lhe opponha a tanto damno  
 Porque o triste Rodrigo não pensava,  
 Que taõ prompta a perfidia o procurava.

## CLI.

Mas já certo do proximo perigo  
 Parte em fim de Toledo, e vai buscando  
 De Guadalête o campo, onde o inimigo  
 Vinha as torpes bandeiras tremulando:  
 Alli disposto o Ceo para o castigo  
 Do cêgo Rey, do povo miserando  
 Tinha o triste theatro, e alli se affenta  
 Hum, e outro arraial com ancias attenta.

## CLII.

Dois dias se observáraõ mutuamente  
 Os dois campos oppostos ; mas chegada  
 Era a hora fatal , que a Goda gente  
 Devia ter dos fados castigada :  
 Investiraõ-se em fim tyranamente  
 Huns , e outros , e foi taõ porfiada  
 A raiva dura , que a questaõ guerreira  
 Durou huma semana toda inteira.

## CLIII.

Mas inclinou-se em fim ao Mouro adusto  
 Da brilhante victoria o vulto altivo ,  
 E no campo Christaõ o triste susto  
 Foi descobrindo o gesto pensativo  
 Céde á força do fado o brio augusto  
 Dos nobres Godos , céde o genio esquivo ;  
 O valór , a constancia , e finalmente  
 Céde tudo a favor da bruta gente.

## CLIV.

Rodrigo foge , o Reyno se fugeita  
 Ao barbaro poder ; e nas Hespanhas  
 Inunda de Mafoma a torpe ceita  
 As Cidades , as Villas , as Campanhas ;  
 Assim acaba a gloria mais perfeita  
 Das humanas grandezas , e façanhas ;  
 Hum só golpe bastou para castigo  
 Da soberba do reyno , e de Rodrigo.

Elle



## CLV.

Elle soube emendar a triste forte ;  
Buscando na desgraça a penitencia,  
E na antiga Vizeu com santa morte  
Pôz fim ditoso á larga paciencia ;  
Mas o Estado infeliz do golpe forte  
Restaurar-se não pôde, e na indecencia  
De hum captiveiro infame envolto todo,  
Para sempre perdêo o nome Godo.

*FIM DO CANTO III.*



A LIBERDADE  
CANTO IV.

ARGUMENTO.



*ESTRUIDO* o Imperio dos Godos, se retiraõ muitos destes pelo mar a Paizes desconhecidos, e outros se embrenhaõ pelas montanhas mais asperas, athé, que juntos bastantes nas serras das Asturias, elegem por Principe a D. Pelayo, que ganhando algumas terras aos Mouros, se acclama Rey de Leaõ. Os seus Successores continuaõ a conquistar, e El Rey D. Fernando o Grande, Senhor já de tres Estados, os reparte por tres filhos, e faz D. Garcia Rey dos Portuguezes, a quem succede D. Affonso conhecido por Imperador. No tempo deste vem servir ás Hespanhas varios Principes, e entre estes o Grande Henrique de Borgonha, a quem o Rey dá huma filha em casamento, e em dote as terras conquistadas em Portugal,  
e as

e as que podesse conquistar. Succede-lhe seu filho o Senhor Rey D. Affonso I, a quem Christo Senhor Nosso apparece, e dá a investidura do Reyno de Portugal. Profegue-se a historia dos Reys até o Senhor D. Fernando. Casa este Principe com a Senhora D. Leonor, que pertende arruinar os Principes da Caza Real. Tragico successo da Senhora D. Maria Telles. Cazamento da Princeza filha do Senhor Rey D. Fernando. Morte deste Principe, e origem da guerra. Pertende auzentar-se o Heroe, e o povo de Lisboa o embarça, pedindo o seu amparo, e nomeando-o Defensor do Reyno. Entra em Portugal El Rey de Castella, a quem a Raynha pertende entregar o governo, e elle a manda prender em hum Convento. Atêa-se a guerra, e se fórma o cerco de Lisboa, que o Defensor pessoalmente sustenta, e manda Nuno Alvares Pereira defender as Provincias.

D

A



# A LIBERDADE

## CANTO IV.

### I.

**D**epois que o Ceo Supremo foi servido,  
 Por altissimos fins da Providencia,  
 Abolir totalmente o Trono erguido,  
 O nome illustre, a maxima opulencia  
 Da gente Gôda, o povo reduzido  
 A' escravidão da barbara insolencia,  
 Disperso, e vacilante em tanto aperto,  
 Errava sem destino, e sem concerto.

Al-

## II.

Alguns a triste vida confiando  
 Ao arbitrio das ondas inconstantes ;  
 Quaes de Troya no caso miserando  
 Os amigos de Eneas trepidantes ,  
 Por incognitos mares navegando ,  
 A paizes passáraõ taõ distantes ,  
 Que não pôde athé agora com certeza  
 Saber-se o certo fim daquella empreza.

## III.

Outros na mesma patria desterrados  
 Pelos montes , e penhas cavernosas  
 Do barbaro furor refugiados ,  
 Se occultavaõ nas brenhas horrorosas ;  
 Athé que sendo muitos congregados  
 Das Asturias nas ferras pavorosas ,  
 Foi D. Pelayo delles escolhido  
 Para cabeça ser deste partido.

## IV.

Era Pelayo Principe valente  
 Respeitado na Corte em tempo antigo ;  
 Do Regio sangue claro descendente ,  
 Primo , e sobrinho do infeliz Rodrigo :  
 Era bravo na guerra , era prudente  
 No conselho , constante no perigo ,  
 Popular , liberal , benigno , e justo ,  
 Activo , sobrio , agil , e robusto.

Este

## V.

Este foi o Noé do povo Godo,  
 Na ruina geral daquella gente,  
 A quem o Céu benigno deste modo  
 Patriarcha fez deste continente:  
 Delle procede o Regio sangue todo,  
 Que restaurou de Hespanha a perda ingente,  
 E nelle mesmo teve logo effeito  
 Da reivindicacão o saõ direito.

## VI.

Porque ganhando aos Mouros muitas terras,  
 E chegando a formar hum novo Estado,  
 Já deixado o pavor das toscas ferras,  
 Pôde ser de Leaõ Rey acclamado;  
 E com largos trabalhos, duras guerras,  
 Grande perigo, e tempo dilatado,  
 Foi libertando de oppressão tamanha  
 Huma breve porção da antiga Hespanha.

## VII.

Da mesma sorte os Reys seus successores,  
 Qual mais, qual menos foraõ recobrando  
 Da escravidão dos barbaros horrores  
 As provincias, e povo miserando;  
 Athé que entre mais altos esplendores  
 De hum treplicado Ceptro, o Graõ Fernando,  
 Entre os filhos partindo a Monarchia;  
 Fez Rey da Lusã gente a D. Garcia.

Viveo

## VIII.

Viveo pouco Garcia, e succedido  
 Foi de Affonso Monarcha valoroso,  
 Em quem segunda vez se vio unido  
 Dos tres Ceptros o peso glorioso:  
 Este foi nas Hespanhas conhecido  
 Por alto Imperador, Rey poderoso  
 E de varias Naçoens Principes varios  
 A servi-lo passárao voluntarios.

## IX.

Entre os mais conhecidos nas historias,  
 Henrique, o Grande Henrique he celebrado,  
 Cuja fama adornou de immortaes glorias  
 A fundação do Portuguez Estado:  
 Este fez nossas armas mais notorias,  
 Nosso nome maior, mais levantado,  
 E foi em fim o tronco da grandeza  
 Da Regia, Augusta Casa Portugueza.

## X.

Era Henrique do sangue descendente  
 Dos Reys de França por direita linha;  
 Digno fructo do ramo florescente,  
 Que o nobre Estado de Borgonha tinha;  
 Era moço gentil, era valente,  
 E a seus altos projectos não convinha  
 O lugar, que lhe dera a forte avara  
 De filho quarto na familia clara.

A fama



## XI.

A fama illustre das acçoens brilhantes,  
Com que a guerra de Hespanha ennobrecia ;  
Athé mesmo nas Cortes mais distantes,  
De outros Principes taes a valentia ,  
Lhe incitou os desejos arrogantes  
A vir provar com elles a ousadia ;]  
E deixando da patria o doce agrado ,  
A's Hespanhas passou a ser soldado.

## XII.

Aqui servio por dilatados annos ,  
Em diversos empregos sempre honrosos ;  
Sendo dos Mouros infalveis damnos  
Todos os seus progressos bellicosos ;  
Athé que em fim logrando mais ufanos  
Galardoens dos trabalhos gloriosos ,  
Teve a filha de Affonso por consorte ,  
Por dote Portugal , o mais por forte.

## XIII.

Porque a parte maior do Estado augusto ,  
Que o Rey por este ajuste lhe cedia ,  
Na dura escravidão do Mouro adusto ,  
Em torpes ferros infeliz gemia ;  
E a não ser providencia do Céu justo ,  
A fundação da Lusá Monarchia ,  
Podéra , mais que a graça ser perigo  
Hum dote nos dominios do inimigo.

Mas

## XIV.

Mas Henrique, que os riscos estimava,  
 Com que os grandes Heróes se fazem claros;  
 E no dote cedido contemplava  
 Insentivos de gloria mais preclaros,  
 Novas expediçoens já meditava  
 Do Sagrado Hymeneu entre os preparos;  
 E passando das nupcias ás victorias,  
 Fez as suas conquistas mais notorias.

## XV.

Desde o Porto, cabeça entã do Estado,  
 A que detra feliz novo appellido,  
 Ennobrecendo em Portugal mudado  
 De Lusitania o nome esclarecido,  
 Sahio Henrique a demandar ousado  
 Os direitos do dote promettido;  
 E foi taõ venturoso na disputa,  
 Que ganhou grande parte á gente bruta.

## XVI.

Toda a fertil Provincia, que se estende  
 Por entre o Douro, e Minho, e grande parte  
 Da Beira, e Traz os montes, já se rende  
 A's armas duras deste novo Marte:  
 Já do Tejo o poder lhe não suspende  
 Os triunfos, que a sorte lhe reparte,  
 E Lisboa com Cintra já domadas  
 As portas lhe tributaõ franqueadas.

Outras

## XVII.

Outras muitas Cidades, e lugares  
 Foraõ do seu valor troféo preclaro,  
 Em que a fama das honras militares  
 Se conserva a pesar do tempo avaro;  
 E sem contar acçoens particulares,  
 Que deve Portugal ao seu amparo,  
 Só das grandes, que a historia lhe repete  
 Chega o numero illustre a dezefete.

## XVIII.

Mas naõ só das Hespanhas no destriçto,  
 Entre os barbaros Mouros orgulhosos  
 Foi temido de Henrique o braço invicto,  
 Sua espada, seus golpes furiosos;  
 Pois da santa Cidade no conflicto  
 Vio Siaõ seus alentos generosos,  
 Assistindo naquella illustre empreza  
 Com foccorro de gente Portugueza.

## XIX.

Digno filho de Henrique, e mais ousado  
 Affonso lhe succede, a beneficio  
 De cujas altas prendas empenhado  
 Se mostrou claramente o Céu propicio;  
 Pois naõ só das victorias no cuidado;  
 Mas dos mesmos milagres no exercicio  
 Se vio a maõ de Deos distincta, e clara  
 Fabricar deste Heróe a gloria rara.

Ho

## XX.

He tradiçãõ geral, fama constante  
 Abonada de antigos monumentos,  
 Que nascera imperfeito o tenro Infante  
 Frustrados dos dois pés os movimentos;  
 E que o zêlo de hum Ayo vigilante  
 Para romper os duros ligamentos,  
 Conseguira da summa Omnipotencia  
 Hum prodigio de publica evidencia.

## XXI.

Mas onde se mostrou mais claramente  
 Da protecçãõ Divina o summo amparo,  
 Foi no campo de Ourique onde patente  
 Se fez o mesmo Deos por modo raro;  
 Era Affonso da terra entãõ Regente,  
 Que fora dada em dote ao Pay preclaro,  
 E se dizia Principe, ou Infante  
 Daquelle Estado ainda vacilante.

## XXII.

Tinha sido mil vezes insultado  
 Do visinho poder do Mouro adusto,  
 E tinha com fortuna libertado  
 Diversos povos do dominio injusto;  
 Mas achava-se agora ameaçado  
 De novos riscos de mais alto susto;  
 Porque em seu damno cinco Reys unidos  
 Se armáraõ contra os Lusos atrevidos.

Todos

## XXIII.

Todos juntos em corpo poderoso  
 Se ostentavaõ de Ourique na campina,  
 Projectando com animo orgulhoso  
 Ao nome Portuguez total ruina;  
 E mais tyrano o genio furioso  
 Nas ventagens, que o numero lhe ensina,  
 Com soberbos, e barbaros clamores  
 Inculcavaõ o gosto entre os horrores.

## XXIV.

Era taõ grande a copia dos contrarios,  
 Que athé nos mesmos peitos mais valentes,  
 Bem usados a casos temerarios  
 Faziaõ susto riscos taõ patentés;  
 Toda a gente de Affonso em modos varios,  
 Se achava consternada, e nos presentes  
 Effeitos do pavor, e da tristeza,  
 Se contava perdida aquella empreza.

## XXV.

A vil murmuraçãõ principiava  
 A dominar nos peitos alterados,  
 E do torpe veneno, que exalava  
 Crescia o triste horror entre os soldados;  
 Por cega obstinaçãõ se reputava  
 O querer combater; pois bem contados  
 Os inimigos, eraõ tantas vezes  
 Cem Mouros, quantas huma os Portuguezes.

## XXVI.

Mas Affonso, que as nobres confianças  
 Demais altos principios deduzia,  
 E tinha posto as suas esperanças  
 Naquelle cujo culto defendia,  
 Firmando na fé pura as seguranças  
 Do terrivel empenho, em que se via,  
 Com devoto fervor, com zêlo raro  
 Se animava dos Céos no certo amparo.

## XXVII.

Huma noite já quando a luz serena,  
 Das brilhantes estrellas declinava,  
 E na doce inacção, que o somno ordena,  
 Grande parte da gente descancava;  
 Fatigado tambem da larga pena  
 Affonso a socegar principiava;  
 Quando a rogos de hum velho venerando  
 Foi despertado do focêgo brando.

## XXVIII.

O' tu, lhe diz o velho, a quem destina  
 O Céu Supremo a nobres exercicios,  
 Mortal feliz, em quem a mão Divina  
 Quer derramar immensos beneficios,  
 Não temas, não estragos, ou ruina,  
 Não te assustem do risco vaons indicios,  
 Que nos olhos de Deos Omnipotente  
 He grato o teu empenho, he innocente.

Vence-

## XXIX.

Vencerás certamente , e sempre honrado  
 O teu nome será na larga historia ;  
 Pois se mostra o Senhor interessado  
 Na feliz duração da tua gloria ;  
 Elle tem sobre ti determinado ,  
 E sobre a tua próle mais notoria  
 Pôr os olhos da sua compaixão  
 Athé decima sexta geração.

## XXX.

Atenuada entãõ a próle augusta  
 Será , por altos fins da Providencia ;  
 Mas nessa mesma atenuada ajusta  
 Feliz Epoca a Summa Omnipotencia ;  
 E porque a multidaõ da gente adusta  
 Naõ turbe do teu zêlo a diligencia ,  
 O mesmo Deos pertende confortar-te ,  
 E com altos favores animar-te.

## XXXI.

Elle manda , que estejas prevenido  
 Para fahir do Campo áquella hora ,  
 Que no meu Oratorio for ouvido  
 O som da campa , que precede á Aurora :  
 Disse o santo Varaõ , e despedido  
 De Affonso , parte , que submisso adora  
 A bondade ineffavel , que lhe ordena  
 Taõ grande alivio em taõ grande pena.

## XXXII.

Já da noite sombria o manto escuro  
 Menos denso cobria os altos montes,  
 E da luzida estrella o fulgor puro  
 Já mais claros fazia os Horizontes;  
 Porém inda nas sombras mal seguro  
 Não soltava Titaõ da luz as fontes,  
 Quando Affonso do termo assignalado  
 Pela voz do metal foi avisado.

## XXXIII.

De zêlo santo, de valor brilhante  
 Inflamado o Heróe parte anciolo;  
 Mas do proprio arrayal pouco distante  
 O suspende hum signal prodigioso:  
 Da parte Oriental naquelle instante  
 Descer observa hum rayo luminoso;  
 E pondo nelle os olhos com receyo,  
 Vê, que huma grande Cruz lhe occupa o meyo.

## XXXIV.

Repara mais attento, e claramente  
 Na mesma Cruz, que tinha divisado,  
 O Salvador do Mundo vê pendente,  
 De Celestes Ministros rodeado;  
 Prostra-se Affonso humilde, e reverente  
 Na presença do Deos humanifado,  
 E adorando submisso a Divindade,  
 Lhe falla em fim com esta liberdade.

Que



## XXXV.

Que fim, Senhor, que causa vos obriga  
 A prodigio tão grande em meu proveito?  
 Por ventura quereis da fé antiga  
 Accrescentar em mim o puro effeito?  
 Em mim, Senhor? A quem no seyo abriga  
 A vossa Igreja, a que nasci sujeito?  
 Aparecei, Senhor, aos infieis,  
 Que não sabem quem sois, quanto podeis.

## XXXVI.

Não presumas, responde o Deos piedoso,  
 Que augmentar tua fé foi meu cuidado;  
 Confortar-te no caso duvidoso,  
 He effeito feliz do meu agrado:  
 Confia, Affonso, em mim, serás ditoso,  
 Não só neste combate receado;  
 Mas em quantas batalhas, e perigos  
 Te moverem da Cruz os inimigos.

## XXXVII.

Acharás tua gente alegre, e forte  
 Para a guerra presente, e persuadido  
 Serás della a provar do risco a sorte,  
 Com titulo de Rey sempre applaudido;  
 Não duvides toma-lo, e não te importe  
 Qualquer receyo vão, mal entendido,  
 Que eu sou só quem os Reynos edifica,  
 Quem os abate, quem os multiplica.

Eu

## XXXVIII.

Eu quero em ti, e tua descendencia  
 Para mim construir hum novo Imperio,  
 Donde seja o meu Nome com decencia  
 Levado á gente estranha em culto serio;  
 E porque se conserve na evidencia  
 O principio feliz deste mysterio  
 Tomarás por insignia o preço unido,  
 Com que eu comprei o Mundo, e fui vendido.

## XXXIX.

Disse, e dos olhos do Varaõ ditoso  
 Desapparece qual brilhante rayo,  
 Que nas noites do Estio caloroso  
 Por entre as nuvens faz da luz ensayo;  
 Rende as graças Affonso fervoroso,  
 E já seguro do mortal desmayo  
 Da sua gente, volta para a tenda  
 A dispôr os preparos da contenda.

## XL.

Vinha a nitida Aurora afugentando  
 As estrellas da vista dos mortaes,  
 De purpureos reflexos matizando  
 Perfectivas brilhantes de cristaes,  
 Quando a gente de Affonso despertando  
 Animada de alentos Marciaes,  
 A barraca do Rey corre atrevida  
 A pedir-lhe a batalha antes temida.

Mas